



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JUAN EDUARDO DE SOUSA FREITAS

O DESAFIO DO ENCONTRO

Análise da unidade letiva do 6º ano EMRC:

«A Pessoa humana».

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

Professora Doutora Teresa de Jesus Rodrigues Marques de Sousa Messias

Mestre Cristina Maria Ramos Carvalheiro de Sá Carvalho

Lisboa

2020

*«Quem sabe que é amado ama,
e quem é amado obtém tudo,
especialmente dos jovens.*

*Esta confiança
estabelece uma corrente elétrica
entre alunos e educadores».*

(Dom Bosco, Carta de Roma 1884)

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS..... | 6 |
| RESUMO | 8 |
| ABSTRACT | 9 |
| ABREVIATURAS E SIGLAS..... | 10 |
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| O tema | 12 |
| Contextualização..... | 13 |
| Método..... | 13 |
| Estrutura | 14 |
| | |
| CAPÍTULO 1 | 16 |
| REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA..... | 16 |
| 1. A unidade referência em estudo | 17 |
| 2. Metodologia..... | 20 |
| 3. Missão | 21 |
| 4. Princípios orientadores..... | 24 |
| 5. Caracterização da Escola..... | 24 |
| 5.1. A Oferta Educativa | 26 |
| 5.2. O Patrono | 27 |
| 5.3. Contexto social | 28 |
| 6. Caracterização da turma..... | 29 |
| 7. A Unidade Letiva de referência..... | 32 |

| | | |
|---|---|----|
| 7.1. | Planificação de Nível IV da Unidade Letiva..... | 34 |
| 7.2. | Análise e discussão da prática letiva | 35 |
| 7.3 | Procedimentos e estratégias de planificação nas aulas | 36 |
| 7.4. | Reflexão global sobre a gestão do programa | 39 |
| CAPÍTULO 2 | | 42 |
| ENCONTRO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS..... | | 42 |
| 1. | Encontro | 43 |
| 1.1. | Relação do homem com Deus | 44 |
| 1.2. | Relação do homem com o outro..... | 45 |
| 1.3. | Encontro do homem com o mundo..... | 45 |
| 2. | A categoria do encontro | 46 |
| 2.1. | O contributo da Filosofia | 47 |
| 2.2. | O encontro de Deus com os homens..... | 51 |
| 2.2.1. | Encontro, uma categoria bíblica?..... | 52 |
| 2.2.2. | O homem, de ouvinte a crente | 57 |
| 2.2.3. | O homem, capaz do desencontro | 58 |
| 2.2.4. | A mediação cristológica no encontro com Deus | 59 |
| 2.3. | O magistério da Igreja..... | 61 |
| 2.4. | Conclusão | 64 |
| CAPÍTULO 3 | | 66 |
| EDUCAR PARA O ENCONTRO..... | | 66 |
| 1. | Professor de EMRC, o profissional do encontro..... | 66 |
| 2. | A pedagogia do encontro proposta por Dom Bosco | 72 |
| 2.1. | Pedagogia do encontro e do grupo | 73 |

| | | |
|--------------------|---|-----|
| 2.2. | Pedagogia comprometida com a Igreja e o mundo..... | 74 |
| 2.3. | Pedagogia encarnada no mundo dos jovens..... | 75 |
| 2.4. | Pedagogia com os jovens ao centro | 77 |
| 2.5. | Pedagogia da festa e da alegria fundada nos sacramentos | 77 |
| 3. | Uma proposta pedagógico-espiritual segundo o espírito salesiano | 78 |
| 3.1. | Que se torna transformadora de vida | 79 |
| 3.2. | Que se torna proposta vocacional..... | 80 |
| 4. | Implicações pedagógicas à luz de uma pedagogia do encontro | 80 |
| CONCLUSÃO..... | | 84 |
| 1. | Deus é mestre em pedagogia | 86 |
| 2. | Educar exige encontro..... | 87 |
| 3. | Educar é questão de coração | 90 |
| 4. | A EMRC uma disciplina promotora do encontro..... | 93 |
| 5. | O Encontro, um desafio permanente..... | 96 |
| BIBLIOGRAFIA | | 98 |
| 1. | Fontes Bíblicas..... | 98 |
| 2. | Fontes Patrísticas..... | 98 |
| 3. | Dicionários..... | 99 |
| 4. | Magistério da Igreja | 99 |
| 5. | Estudos e Monografias | 105 |

AGRADECIMENTOS

O caminho faz-se quotidianamente com a colaboração e amizade de tantos que nos acompanham, ajudam e estão connosco. Sozinhos não vamos longe. A presença e a ajuda de tantos outros é imprescindível. Nascemos de outros, vivemos com outros, vivemos para os outros. Abraçar tantos projetos, viver com intensidade a vida só é possível graças à generosa colaboração de tantos amigos que nos apoiam, ajudam e tantas vezes se sacrificam por nós.

Terminar uma etapa, um processo, um trabalho como este, é oportunidade para agradecer a tantas pessoas que foram próximas e fazem parte deste trabalho.

Agradeço aos amigos colegas de curso por poder aprender, confrontar com eles tanta vida e experiência acumulada e partilhada.

À minha família, que, apesar de distante, está sempre pronta a animar e a apoiar nos momentos de desânimo e dificuldade. Nela encontrei sempre uma escola de encontros autênticos, a ela devo a aproximação a Dom Bosco e à Família Salesiana, que tanto amo.

Obrigado à Professora Doutora Teresa Messias, pelo acompanhamento científico deste trabalho, pelo trabalho que realiza com rigor, acompanhamento sério e disponibilidade sempre muito atenta e sábia.

A minha gratidão aos professores Dra. Cristina Sá Carvalho e Dr. Juan Ambrosio pela

orientação pedagógica e científica neste projeto estando sempre próximos, disponíveis e desafiadores a novos horizontes e objetivos.

Gratidão devida à escola Damião de Góis, seus professores, não docentes e alunos, na pessoa do Dr. José António Oliveira, professor cooperante, e ao colega de estágio Dr. Igor Cró. Obrigado pelo belo grupo de trabalho que criamos, pelo clima de partilha, confronto positivo, trabalho generoso com uma tónica sempre vincada de boa disposição, rigor, trabalho e proximidade dos alunos e comunidade.

Obrigado aos Salesianos, a minha família de vida. Obrigado por tudo! Pelo dom de poder conhecer, amar, apaixonar-me por Dom Bosco e o seu modo de estar, educar e evangelizar. Obrigado pelo caminho que pude fazer e faço desde os meus 12 anos. Obrigado aos irmãos salesianos com quem partilho a vida e vocação, aos jovens por quem damos a vida com amor, aos leigos e colaboradores que connosco têm e partilham o mesmo sonho e missão educativa em prol dos jovens.

Finalmente, e não menos importante, obrigado a cada criança e jovem, a cada aluno e antigo aluno com quem me encontrei e encontrarei. Eles são parte da minha vida e da minha vocação. A minha vida é para eles, mas também deles tenho recebido tanto, muito mais. Obrigado pela vida, pela alegria, pelo entusiasmo, pelos sonhos e desafios que me levam a ir sempre em frente com paixão.

RESUMO

Este relatório final procura apresentar o caminho de reflexão e ação pedagógica para a obtenção do grau de mestre no Mestrado em Ciências Religiosas.

No primeiro capítulo, partindo da dinâmica e experiência do encontro, o trabalho visa aprofundar e demonstrar como este é um elemento central, importante, diria até, determinante na prática pedagógica de qualquer docente, com mais razão o da disciplina de EMRC.

No segundo capítulo, procura-se dialogar com a Teologia e Filosofia na perspectiva de encontrar aqui os fundamentos para uma ação pedagógica diferenciadora.

Por fim, no terceiro capítulo, procura-se colher as intuições pedagógicas de São João Bosco e atualizar, para os dias de hoje, as abordagens pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVES: Educação, encontro, EMRC, Dom Bosco, Ensino Religioso na escola.

ABSTRACT

This final report aims to present the line of thinking and pedagogical actions which were followed in order to obtain a Master's degree in Religious Sciences.

The first chapter has its starting point in the dynamics and the experience of the encounter. This work wishes to deepen this concept and demonstrate that it is a central, important, I dare say determinant element in any teacher's pedagogical action, even more so in what the subject of Religion (Catholic Religious Education) is concerned.

In the second chapter, the purpose is to establish a dialogue with Theology and Philosophy in order to find the cornerstones of a differentiating pedagogical action.

Finally, the third chapter intends to gather the pedagogical intuition of Saint John Bosco and adapt his approach to the modern days.

KEY WORDS: Education, Encounter, Religion (Catholic Religious Education), Don Bosco, Religious Education at school.

ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAS = *Acta Apostolicae Sedis*, LEV, Vaticano 1909.
- ACG = *Actos do Capítulo Geral dos Salesianos*.
- BAC = Biblioteca de Autores Cristãos.
- C = SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, Roma, 2014.
- CDSC = *Compêndio da Doutrina social da Igreja*, LEV, Vaticano, 2004.
- CEP = Conferência Episcopal Portuguesa.
- Cf. = Confere.
- Coord. = Coordenador da Edição.
- CV = FRANCISCO, PAPA, Exortação Pós-sinodal, *Christus Vivit* (25 março 2019), Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2019.
- DH = DENZINGER H. – HÜNERMANN P. (Coord.), *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Edizione bilingue, EDB, Bologna 2001.
- EG = FRANCISCO, PAPA, Exortação apostólica, *Evangelii gaudium* (24 novembro 2013), AAS 105 (2013) 1019- 1137.
- EMRC = Educação Moral e Religiosa Católica.
- ERE = Ensino Religioso.
- FR = JOÃO PAULO II, PAPA, Carta encíclica, *Fides et Ratio* (14 julho 1998), AAS 91 (1999) 5-88.

- FS = BOSCO, J., *Fonti Salesiane, I Don Bosco e la sua Opera*, LAS, Roma, 2014.
- GE = FRANCISCO, PAPA, Exortação apostólica, *Gaudete et Exultate* (19 março 2018), Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2018.
- GS = *Gaudium et Spes*, CONCILIO VATICANO II, Constituição Pastoral (7 dezembro 1965), AAS 58 (1966) 1025-1120.
- Ibidem* = Mesmo autor e mesma obra, diferente página ou número.
- LF = FRANCISCO, PAPA, Carta Encíclica, *Lumen Fidei* (29 janeiro 2013), AAS 105, (2013) 555- 596.
- MB = LEMOYNE G.B. – AMADEI A. – CERIA E., *Memorie Biografiche di Don Bosco, 19 vol*, San Benigno Canavese – Torino, 1898-1939.
- n. = Número.
- NMI = JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Apostólica, *Novo Millennio Ineunte* (6 janeiro 2001), AAS 93 (2001) 266-309.
- OCDE = Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.
- ODIHR = Office for Democratic Institutions and Human Rights.
- PES = Prática de Ensino Supervisionada.
- PG = *Patrologiae cursus completus*, MIGNE J. P. (Coord.), Series Graeca, 161 vol., Paris 1857-1945.
- PL = *Patrologiae cursus completus*, MIGNE J. P. (Coord.), Series Latina, 221 vol., Paris 1844-1974.
- SNEC = Secretariado Nacional da Educação Cristã.

INTRODUÇÃO

O tema

O tema do “encontro” é desde a minha experiência familiar e pessoal algo marcante e determinante na minha vida e vocação. Partindo da experiência pedagógica quotidiana, da reflexão sistemática da questão e de uma leitura salesiana do tema, pretende-se com este trabalho aprofundar o tema e apresentar uma proposta pedagógica que valorize a dinâmica do encontro como elemento determinante da ação pedagógica na escola, na sala, na missão educativa nos seus diferentes ambientes.

De facto, o Papa Francisco tem dado especial relevo ao tema do “encontro”. Ele próprio lança-nos o convite:

«Trabalhar pela “cultura do encontro” de modo simples, “como fez Jesus”: não só vendo mas olhando, não apenas ouvindo mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, não só dizendo “que pena, pobrezinhos!” mas deixando-se arrebatado pela compaixão; “e depois aproximar-se, tocar e dizer: Não chores e dar pelo menos uma gota de vida”¹».

¹ Cf. PAPA FRANCISCO, *Por uma cultura do encontro, Meditações matutinas na santa missa celebrada*

Contextualização

Este relatório surge como síntese e conclusão de todo o trabalho da PES no contexto do Mestrado em Ciências Religiosas, frequentado na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa ao longo do ano letivo 2019-2020, sob a orientação científica da Professora Doutora Teresa Messias e dos professores Dra. Cristina Sá Carvalho e Dr. Juan Ambrosio, bem como do professor cooperante Dr. José António Oliveira, no núcleo pedagógico da Escola Damião de Góis.

O trabalho de síntese do relatório da PES é o culminar de um caminho feito de componente curricular e prática pedagógica no terreno. De modo que o trabalho quer ser uma partilha, em modo de síntese pessoal, do trabalho de reflexão e aprendizagens que todo este caminho me ofereceu.

Método

Partindo da unidade letiva “A Pessoa humana” do programa de EMRC do sexto ano, pretende-se analisar a chave de leitura interpretativa do “encontro”. Procurei aprofundar e relacionar a contribuição que podemos colher para a disciplina de EMRC desde um ponto de vista pedagógico, na ação educativa, dos fundamentos teológico-filosóficos e da leitura da proposta educativa salesiana, que nos propõe São João Bosco nos seus escritos e tradição

na capela da casa Santa Marta, 13 de setembro de 2016, in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html, visitado a 25/05/2020, às 12h10.

educativa.

Através da reflexão, devidamente fundamentada e confrontada com diferentes fontes bibliográficas, procurei fazer dialogar estes vários elementos numa síntese que possa transforma-se em proposta concreta para a ação pedagógica dos docentes dos dias de hoje.

Estrutura

No primeiro capítulo, partindo do que foi a prática pedagógica nas turmas do sexto ano da Escola Damião de Góis, procura-se, inicialmente, apresentar a escola, a realidade que a envolve e caracterizar o PES, bem como a turma, a metodologia e missão do professor de EMRC. Neste mesmo capítulo, apresenta-se a unidade letiva de referência: “A Pessoa Humana”, bem como a sua planificação, uma análise e discussão da prática letiva, levando a uma conclusão refletida sobre procedimentos e estratégias implementadas e a desenvolver.

Depois de uma abordagem da prática pedagógica, o segundo capítulo quer ser uma reflexão, numa perspetiva filosófica e teológica, sobre o tema do encontro. Aqui pretende-se aprofundar e atestar a importância central do tema com uma análise filosófica e teológica do mesmo ao longo dos séculos, com o contributo do magistério pontifício, iluminando-o com a Palavra de Deus, baseando-me nos escritos e pensamento do Papa Francisco, que tanto e em vários momentos tem abordado a centralidade do tema.

Como aplicação prática do abordado e proposto anteriormente, o terceiro capítulo procura ser uma proposta pedagógica para os docentes de EMRC, partindo de uma leitura tipicamente salesiana do tema e baseada nas fontes da tradição salesiana, deixadas por São João Bosco. São João Bosco é mestre em proximidade pedagógica. Ele mesmo diz nas suas memórias:

«Eu estimava muito os meus superiores, e eles usaram sempre de muita bondade para comigo; mas o meu coração não estava - satisfeito. Era costume visitar o Reitor e os outros superiores ao voltar das férias e quando se partia para as mesmas. Ninguém ia falar com eles a não ser no caso de receber alguma repreensão. Cada superior ia por seu turno prestar assistência à semana no refeitório e nos passeios e depois tudo terminava. Quantas vezes queria falar, pedir conselho ou esclarecimento de dúvidas, e não podia; em vez disso, sucedendo que algum superior passasse no meio dos seminaristas, sem saber a razão, cada qual fugia precipitadamente à direita e à esquerda como de uma besta negra. Isso acendia cada vez mais no meu coração a vontade de ser padre o mais depressa possível para me entreter no meio dos rapazes, a fim de os assistir e ajudar em qualquer ocorrência»².

Educar para o encontro exige uma nova abordagem pedagógica que se torna nos nossos dias premente e determinante na nossa sociedade, nos nossos alunos, comunidades educativas e suas famílias. Um encontro que educa, que transforma e eleva. Porque acredito e, de certo modo, procuro viver estas intuições educativo-pastorais, partilho uma reflexão que brota do coração que educa, ama e quer estar próximo.

O confronto bibliográfico ajuda a intuir facilmente a base de toda a reflexão e do caminho que se propõe. Sendo eu salesiano, é natural que no fundo haja uma forte presença de literatura próxima às fontes salesianas, ao magistério do Papa Francisco e de tantas outras leituras que pude fazer, confrontar e trazer também para esta reflexão de síntese.

² J. BOSCO, *Memórias do oratório de São Francisco de Sales*, Edições Salesianas, Porto, 2012, 72-73.

CAPÍTULO 1

REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Por Prática de Ensino Supervisionada (PES) entende-se o trabalho pedagógico desenvolvido na escola Damião de Góis. Um labor realizado semanalmente, durante todo o ano letivo, numa equipa formada com o professor estagiário Igor Cró, acompanhados pelo Professor Cooperante José António Oliveira. Formámos assim o núcleo da PES da escola Damião de Góis 2018/2019. Fomos, regularmente, acompanhados pelos professores Dr. Juan Ambrosio e Dra. Cristina Sá Carvalho, tanto na Universidade Católica Portuguesa, como na própria escola.

Ao longo de todo o ano letivo, planificámos, lecionámos e avaliámos a prática docente de uma turma. Todas as aulas foram observadas, analisadas e avaliadas pelo núcleo de estágio com uma intencionalidade pedagógica de poder aprender no terreno, adquirindo novas competências pedagógicas, aprendendo através da experiência, da partilha de conhecimentos e de metodologias com quem leciona há mais tempo. Conhecer o processo educativo, feito de sucessos e erros, de progressos e retrocessos, é igualmente essencial na aprendizagem.

1. A unidade referência em estudo

Esta PES refere-se ao trabalho com uma turma de sexto ano, onde a unidade referência do Programa de EMRC do sexto ano foi: «A Pessoa Humana». Uma unidade letiva de suma importância para estes alunos.

Sendo um tema antropológico, ligado por natureza à vida dos alunos, à partida torna-se uma oportunidade única de provocar o diálogo e suscitar o interesse destes para algo tão importante e transversal na sua formação humana, escolar, cultural e religiosa.

É interessante que em 2019 o Papa Francisco, na sua última exortação apostólica pós-sinodal, nos recorde como cada pessoa é obra das mãos de Deus, é um ser especial, valioso, importante³, que não se pode reduzir apenas a aparências. «Atreve-te a ser mais, porque o teu ser é mais importante do que qualquer outra coisa. Não te serve ter ou aparecer. Assim não serás uma fotocópia. Serás plenamente “tu” próprio» (CV 107). Como pessoas humanas e como educadores, devemos ter formação, um projeto e um sonho, pois nós próprios, membros da Igreja, não devemos ser «bichos estranhos» (CV 36).

O tema da “Pessoa humana” está relacionado com o cerne da disciplina.

«O ensino da religião na escola constitui uma exigência da conceção antropológica aberta à dimensão transcendental do ser humano: é um aspeto do direito à educação. Sem esta disciplina, os alunos estariam privados de um elemento essencial para a sua formação e desenvolvimento pessoal, que os ajuda a atingir uma harmonia vital entre a fé e a cultura. A formação moral e a educação religiosa favorecem também o desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social e demais virtudes cívicas, e constituem então um relevante contributo para o bem comum da sociedade»⁴.

³ Cf. PAPA FRANCISCO, Exortação pós-sinodal, *Christus Vivit* (25 março 2019), Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2019, n. 115.

⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta circular N. 520/2009 aos presidentes das conferências episcopais sobre o ensino da religião na escola* (Roma 05 maio 2009), n.10, in

Esta unidade letiva é, por isso mesmo, central e ajuda-nos a perceber que na sua lecionação encontraremos a realização das finalidades que a própria disciplina se propõe. Em Portugal, as finalidades de EMRC foram publicadas pela Conferência Episcopal que detém a titularidade para organizar o currículo da disciplina tal como estabelece a Concordata de 2004 entre o estado Português e a Santa Sé⁵.

Sendo a EMRC uma área curricular/disciplina de lecionação que vai desde o primeiro ano de escolaridade ao décimo segundo ano, o seu campo de ação, programa e finalidades da disciplina são muitas e muito amplas, estando por isso relacionadas com a formação integral⁶. O currículo articula-se a partir de um centro constituído por três elementos essenciais sobre os quais se fundamenta tudo: a) a sociedade (feita de história, instituições, valores dominantes, cultura, economia, etc.); b) os conhecimentos científicos (ligados às áreas científicas da disciplina); c) o aluno⁷.

Ao abordarmos esta unidade, podemos descobrir, com facilidade, as diferentes finalidades e metas estabelecidas:

«a) apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; b) conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; c) estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; d) adquirir uma visão cristã da vida; e) entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; f) adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; g) apreender o fundamento religioso da moral cristã; h) conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20090505_circ-insegn-relig_po.html, visitado a 25/05/2020, às 10h59.

⁵ Cf. CONCORDATA ENTRE A REPÚBLICA PORTUGUESA E A SANTA SÉ EM 2004, n.19, in http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/concordata_santa_se.pdf, visitado a 25/05/2020, às 10h59.

⁶ Cf. T. SILVA NUNES, “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 75.

⁷ Cf. C. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ (Coord.), *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014, 3.

simbólica cristã; i) formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; j) estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; l) aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e a agir com responsabilidade e coerência»⁸.

Para realizar estas finalidades e metas é, necessário:

«que o «ensino religioso escolar apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes»⁹.

Assim, desde outra perspectiva, a unidade em estudo ajuda-nos neste processo da PES a refletir que na verdade «a pessoa é o sujeito primeiro e o objeto último da educação»¹⁰. Partindo deste pressuposto, percebemos que a disciplina de EMRC terá o ser humano entre os elementos centrais como objeto e como sujeito de estudo. Sendo a educação um processo que procura o desenvolvimento integral do ser humano, educar implica manter o “foco” no ser humano. De facto, «a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade»¹¹. Consciente de que «o ser humano é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido» (EG122).

Num mundo violento e precário onde tudo pode acontecer, embora a prática religiosa, pelo menos nas sociedades ocidentais, esteja em declínio, não há dúvida de que é cada vez mais aceite que o mundo de hoje não pode ser entendido sem a religião, a geografia humana é marcada pela identidade religiosa. Ao mesmo tempo, verifica-se que os valores propostos

⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 7-16.

⁹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta circular N. 520/2009 aos presidentes das conferências episcopais sobre o ensino da religião na escola*, Roma 05/05/2009, n.18, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20090505_circ_insegn-relig_po.html visitado a 25/05/2020, às 10h58.

¹⁰ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral: “Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos”*, Lisboa, 2002, n. 8, in <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>, visitado a 25/05/2020, às 10h57.

¹¹ UNESCO, *Educação: um tesouro a descobrir*, Edições ASA, Porto, 1996, 8.

como referenciais no perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória estão em singular sintonia com aquilo que é proposto na disciplina de EMRC. Valores como: «responsabilidade, integridade, excelência, exigência, curiosidade, reflexão, inovação, cidadania, participação e liberdade; estão em clara harmonia com o que procuramos fazer no dia-a-dia da nossa disciplina»¹².

2. Metodologia

Neste sentido, seguindo o que nos é pedido como professores de EMRC, devemos procurar viver e proporcionar uma metodologia que faculte uma pedagogia cooperativa de participação e pesquisa, que se desenvolve em três fases: a) reflexão e partilha sobre a experiência humana; b) aprofundamento teórico, com base na Sagrada Escritura, na tradição cristã e nos dados das ciências; c) síntese e prática de vida¹³. Respondendo a este caminho delineado pela CEP, servimo-nos dos materiais didáticos do SNEC e, sobretudo, do programa da disciplina. Só assim, a disciplina de EMRC é totalmente justificada, pertinente e necessária na escola¹⁴.

Longe de pôr em segundo plano o fenómeno religioso, importa potenciar e desenvolver um conceito de laicidade em que não se confunda o não confessionalismo com a indiferença. Vivemos numa sociedade complexa onde é importante que a própria sociedade integre no seu seio as convicções religiosas e os valores ligados ao sagrado de um modo natural, não só

¹² G. D'OLIVEIRA MARTINS (Coord.), *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*, ME/DGE, Lisboa, 2017, 17.

¹³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 11.

¹⁴ Cf. J. AMBROSIO, “Educação Moral e Religiosa Católica na escola pública”, *Communio* 5 (2001) 448.

como forma de compreender melhor os fenómenos históricos da humanidade, mas também como demonstração da capacidade integradora da sociedade. Neste domínio, o ERE torna-se uma opção, permitindo o pluralismo, a salvaguarda da liberdade religiosa, longe de proselitismos religiosos, tendo uma missão imprescindível e determinante¹⁵.

Sendo a educação um processo que conduz à realização e plenitude da pessoa humana¹⁶, não pode haver educação completa e integral¹⁷ que não aborde e enfrente, de forma clara, simples e transparente, esta questão¹⁸. «Quando o homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassa» (LF 19).

3. Missão

Ser professor é viver o desafio quotidiano de trabalhar permanentemente no meio das crianças e jovens, recordando-lhes que «os jovens não têm preço, não são peças de leilão» (CV 122). Como professores, podemos correr o risco de viver no lamento e na resignação, (Cf. CV 141) pois são muitas as problemáticas que diariamente preocupam os educadores. Por isso, como diz o Papa Francisco aos jovens, ser jovem, mais do que uma idade, é um “estado do coração” (CV 34), por tal devemos também nós: «perseverar no caminho dos sonhos. Não nos devemos deter por insegurança, não devemos ter medo de apostar nem de cometer erros» (CV 142) e conscientes da grande missão que nos é confiada devemos seguir em frente, procurando fazer algo novo para os tempos novos que somos chamados a viver.

¹⁵ Cf. G. D'OLIVEIRA MARTINS, “O conhecimento do fenómeno religioso”, *Pastoral Catequética* 5 (2006).

¹⁶ Cf. D. SERRALHEIRO, *O acto educativo religioso e moral*, Edição do Secretariado Nacional de Educação Cristã, Moscavide, 1993, 51.

¹⁷ Cf. J. DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 11-17.

¹⁸ Cf. J. AMBROSIO, “Tópicos para uma reflexão”, *Ensino Religioso Escolar* 3 (2001) 161.

Ao fazer referência à importância da proximidade dos jovens, o Papa fez uma afirmação que ilustra o papel do professor de EMRC:

«Deve-se privilegiar o idioma da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração e chega à vida, despertando esperança e desejos. É necessário aproximarmo-nos dos jovens com a gramática do amor, não com o proselitismo» (CV 211).

De facto, na disciplina de EMRC, devemos procurar viver esta mesma missão conscientes que somos chamados a ser uma luz, uma referência, uma presença distinta, clara e segura para os jovens. Assim, como docentes católicos, temos também outra missão que não é apenas realizar atividades, mas fazê-las com um sentido (Cf. CV 257) para que os alunos possam também encontrar o sentido da vida, à luz da experiência cristã.

É interessante que o Papa Francisco, na Exortação Apostólica aos jovens, nada refira sobre a Catequese em si, mas refira-se à missão das escolas, a quem dedica a sua atenção, carinho e palavra sábia. Diz o Papa que

«a escola constitui, sem dúvida, uma plataforma de aproximação das crianças e dos jovens. É um lugar privilegiado para a promoção da pessoa, [...] no entanto precisa de uma urgente autocritica, [...] o medo da mudança [...] pode converter a escola num “bunker” que protege dos erros “de fora”. Por isso na realidade, uma das maiores alegrias de um educador ocorre quando ele pode ver um estudante constituindo-se como uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de dar» (CV 221).

Em inúmeras situações, a Igreja quis desenvolver espaços para promover a melhor cultura dos jovens. Não deve renunciar a fazê-lo, porque os jovens têm direito a ela.

«Hoje em dia, sobretudo, o direito à cultura significa proteger a sabedoria, quer dizer, um saber humano que humaniza. Com demasiada frequência estamos condicionados por modelos de vida triviais e efêmeros que impelem as pessoas a perseguir o êxito a baixo preço, desacreditando o sacrifício, inculcando a ideia de que o estudo não é necessário, se não der imediatamente alguma coisa concreta. Não, o estudo serve para suscitar interrogações, para não nos deixarmos anestésiar pela banalidade, para procurar o sentido da vida. Deve-se reclamar o direito de que não prevaleçam as inúmeras

sereias que hoje nos distraem dessa busca. Para não se render ao canto das sereias que seduziam os marinheiros e os faziam chocar contra as rochas, Ulisses atou-se ao mastro do navio e tapou os ouvidos dos seus companheiros de viagem. Orfeu, pelo contrário, para contrariar o canto das sereias, fez outra coisa: entoou uma melodia ainda mais bela, que encantou as sereias. É esta a vossa grande missão: responder aos estribilhos paralisantes do consumismo cultural com opções dinâmicas e fortes, com a investigação, o conhecimento e a partilha» (CV 223).

Não podemos, por isso, reduzir a EMRC a uma aula de boas maneiras, de catequese, campanhas de solidariedade ou qualquer outra coisa, muito menos à disciplina do passeio, apenas dos valores cívicos e de organização escolar. Assim, torna-se cada vez mais importante uma proposta de EMRC de qualidade, que possa entrar em diálogo com os diferentes saberes, que apresente à comunidade uma proposta de educação integral, que abra novas perspetivas para o ensino e para a educação, pois, como sabemos, na religião e associados à religião estão fundados os grandes princípios orientadores das identidades culturais e pessoais¹⁹. Uma leitura cultural, religiosa nunca poderá ser preto no branco²⁰. Em primeiro lugar, exige uma gestão cada vez mais profissional e competente por parte dos docentes.

Se queremos viver todos estes desafios que a disciplina nos impõe, que os alunos nos pedem e a que como cristãos somos desafiados, teremos de ser como o Papa diz: revolucionários, pessoas que no dia-a-dia lutam e caminham contra a corrente (Cf. CV 264). Eis o que este relatório de PES quer apresentar - a experiência diferente de aprender a ser docente desta disciplina -, numa realidade completamente nova para mim, com alunos muito mais novos do que o habitual, procurando sempre ir mais além em todos os sentidos. Aqui procurei dar o melhor de mim àqueles que, muitas vezes, costumam contentar-se com

¹⁹ Cf. M.E. COY AFRICANO, “La educación religiosa escolar en un contexto plural reflexiones preliminares”, *Franciscanum* 154 (2010) 71.

²⁰ Cf. J. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 27.

propostas mais pobres e menos arrojadas. Procurando viver desde o encontro as palavras do Papa Francisco: Os pobres, os abandonados, os doentes, os marginalizados são a carne de Cristo²¹.

4. Princípios orientadores

Inspirando-nos no *perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*²², que se afirma como referencial no que se refere às opções a adotar por decisores e atores educativos, ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas, podemos dizer que também nós partilhamos uma base humanista. Procuramos pôr o saber no centro do processo educativo. Estamos conscientes que a educação é para todos, sendo promotora de equidade e democracia. Como educadores queremos marcar o nosso ensino sob o signo da persistência²³, sabendo que somos portadores de uma proposta enriquecedora que pode ser transformadora de nova vida.

5. Caracterização da Escola

O estabelecimento de ensino, onde se desenvolveu a prática de ensino supervisionada (PES), foi a escola Básica Damião de Góis, localizada na Rua Cassiano Branco, na freguesia

²¹ Cf. PAPA FRANCISCO, *Homilia na canonização de Madre Lupita*, (12 Maio 2013) in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130512_omelia-canonizzazioni.html, visitado a 25/05/2020, às 13h00.

²² Cf. Despacho nº6478/2017, in <https://dre.pt/home/-/dre/107752620/details/2/maximized> visitado a 25/05/2020, às 10h56.

²³ Cf. G. D'OLIVEIRA MARTINS (Coord.), *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*, ME/DGE, Lisboa, 2017, 13-14.

da Marvila, Lisboa. Desde o ano 2013, a escola faz parte do agrupamento de escolas Dom Dinis que está localizado também na freguesia de Marvila.

Foi nesta escola que fizemos a PES numa turma de alunos de sexto ano, provenientes das turmas A, B e C que optaram pela disciplina de EMRC.

O agrupamento de escolas Dom Dinis é constituído pelas seguintes escolas: Escola Secundária D. Dinis (escola sede do agrupamento), Escola Básica de Marvila, Escola Básica Professor Agostinho da Silva, Escola Básica João dos Santos, Escola Básica dos Lóios, Escola Básica Luíza Neto Jorge, Escola Básica n.º 195 e Escola Básica Damião de Góis.

A Escola Damião de Góis é uma escola de tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) face às várias dificuldades sociais do próprio território.

A Escola Básica Damião de Góis foi a sede do Agrupamento de Escolas Damião de Góis, que integrou o Agrupamento de Escolas Dom Dinis (AEDD) em 26 de abril de 2013. A escola está em funcionamento desde o ano letivo 1983/84 e é constituída por cinco pavilhões. No pavilhão A, situam-se a sala de professores, sala de Diretores de Turma, sala de receção a Encarregados de Educação, sala de Assistentes Operacionais, Biblioteca, sala TIC, Direção, arquivo e reprografia. Nos pavilhões B e C, localizam-se as salas de aula, cada edifício tem doze salas de aula; estão incluídos o laboratório de Física e Química, Biologia, sala de Educação Visual e sala de Educação Tecnológica, sala de Educação Musical. No pavilhão D estão situados o refeitório, a sala de alunos, a papelaria e a sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família). A Escola conta, ainda, com um pavilhão gimnodesportivo e um campo exterior de jogos.

A Escola, no ano letivo de 2018-2019, tinha 337 alunos, distribuídos por 17 turmas, quatro turmas no quinto ano, três turmas no sexto ano, três turmas no sétimo ano, duas turmas no oitavo ano, três turmas do nono ano e duas turmas do curso de Operador de Jardinagem.

A escola conta com 48 professores, na maioria com dedicação exclusiva nesta escola, oito estão com horários incompletos, sobretudo na lecionação do curso de Jardinagem. A equipa de docentes é uma equipa muito unida, devido, sobretudo, à dimensão da Escola que ajuda a que o grupo docente seja coeso, estável e muito empenhado em promover os alunos, atentos aos seus problemas e dificuldades. Um dos grandes desafios da escola e dos seus professores tem sido a integração de alunos estrangeiros, que semana após semana, vão chegando à escola. Os professores são incansáveis na atenção, ajuda na integração e acompanhamento destes jovens, tantas vezes com problemas acrescidos de pouco conhecimento da língua portuguesa.

A escola conta com o GAAF, composto por dois psicólogos, uma assistente social e professores que proporcionam, neste serviço, uma proposta de ajuda direta aos alunos em ligação com os agregados familiares. A escola conta também com um Centro de Apoio à Aprendizagem, empenhado sobretudo em ajudar os alunos a poderem encontrar recursos e dinâmicas para melhor rentabilizar a oportunidade educativa que a escola quer oferecer.

Em parceria com a Fundação Benfca, na escola foi também implementado o projeto “Para ti se não faltares”, que visa ajudar os alunos com dificuldade, e ao mesmo tempo premiar os alunos com sucesso educativo e que precisam de medidas de apoio e promoção através do desporto e da cultura.

5.1. A Oferta Educativa

A oferta educativa nesta escola inclui turmas do segundo e terceiro ciclos do ensino básico e dois cursos de Operador de Jardinagem. É relevante que na escola haja no quinto ano

quatro turmas e nos anos seguintes, em média, sejam três. Percebe-se que este número está relacionado com o grande número de alunos que reprova no primeiro ano deste ciclo de ensino. Este fenómeno verifica-se em menor escala nos anos fim de ciclo onde as turmas estão mais cheias.

5.2. O Patrono

Damião de Góis (Alenquer, 2 de fevereiro de 1502 — Alenquer, 30 de janeiro de 1574), figura ímpar do Renascimento português, foi humanista, historiador e epistológrafo, viajante, diplomata e alto funcionário régio, relevante personalidade do renascimento em Portugal. De mente enciclopédica, foi um dos espíritos mais críticos da sua época, verdadeiro traço de união entre Portugal e a Europa culta do século XVI.

De família nobre, Damião de Góis era filho do almoxarife Rui Dias de Góis, valido do Duque de Aveiro e da sua quarta esposa Isabel Gomes de Limi, descendente de Nicolau de Limi, fidalgo flamengo que se estabeleceu em Portugal.

De realçar que na sua condição de humanista de grande audiência e de personalidade próxima da coroa, coube a Damião de Góis desempenhar o papel ativo de noticiar e legitimar, na Europa, as mudanças profundas e os novos equilíbrios que decorriam da expansão portuguesa, designadamente no Oriente. Assim ocorreu com a defesa da legitimidade do monopólio português das especiarias orientais, alvo de contestação na Europa.

Num percurso de vida onde reencontramos tantos dos desafios, encruzilhadas e contradições da vida portuguesa e europeia da época, recorda-se, sem dúvida, Damião de Góis, como uma das grandes figuras do Renascimento português, na sua face mais irradiante e

cosmopolita²⁴.

5.3. Contexto social

A freguesia da Marvila²⁵ fica situada no Município de Lisboa, entre o Aeroporto e o rio Tejo. O Bairro onde a escola se insere foi projetado e construído para uma população prioritariamente ligada às forças de segurança. No final da década de sessenta e início da década de setenta, de facto, muitas famílias do Centro e Norte do país migraram até à Capital e por estes bairros permaneceram. Terminada a guerra do ultramar, houve um surto de ocupação de casas na generalidade dos Bairros da Freguesia de Marvila que transformou a caracterização de base da população projetada. A grande quantidade de população migrante na cidade de Lisboa e a falta de condições de habitabilidade em diversos espaços levou à criação de vários bairros sociais, incluindo a Freguesia de Marvila, e consequentes realojamentos. Nesta freguesia assim tão variada vivem Portugueses, Guineenses, Angolanos, Moçambicanos, Santomenses, Cabo-Verdianos, Indianos e famílias de etnia cigana, muitos deles já de segunda ou terceira geração. Nos últimos anos, têm chegado alunos e famílias provenientes do Brasil, Roménia, Ucrânia, Afeganistão, Irão, Paquistão, Venezuela e Síria, em alguns casos resultante da problemática mundial da crise dos refugiados. Devido a esta diversidade cultural, étnica e racial e aos problemas que foram surgindo no espaço escolar, o Agrupamento de Escolas D. Dinis herdou a tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) do anterior Agrupamento de Escolas Damião de Góis. Os

²⁴ Cf. Para mais informações sobre a escola e sua envolvência confira: <https://aeddinislisboa.wixsite.com/aeddinis/patronos-damiogois> visitado a 25/05/2020, às 10h55.

²⁵ Para mais informações poderemos sempre consultar a página da Junta de Freguesia: <http://jf-marvila.pt/>

alunos que frequentam a escola são na sua maioria residentes do bairro, tendo grande parte dos alunos carências sociais, onde são notórias as dificuldades financeiras, sociais e culturais.

Grande parte das famílias tem poucas habilitações académicas e quase por consequência muitos têm trabalhos no âmbito do comércio, dos serviços, da venda ambulante. Há ainda a juntar um número elevado de desempregados, reformados e beneficiários do Rendimento Social de Inserção.

Na maior parte dos casos, o encarregado de educação é a mãe e, em cada vez mais casos, os avós, que assumem as responsabilidades educativas perante os dramas familiares que, entretanto, surgem.

6. Caracterização da turma

A turma de PES era composta pelas três turmas do sexto ano de escolaridade da Escola Damião de Góis (6.º A, B e C). Compunham a turma A, seis rapazes e cinco raparigas; a turma B, cinco rapazes e três raparigas; a turma C, sete raparigas. Perfazia um total de onze rapazes e quinze raparigas, num universo de vinte e seis alunos. A idade dos alunos que frequentavam a disciplina era de onze anos, havendo um rapaz com catorze anos e outro com quinze e, uma rapariga com doze anos. É significativo encontrar estes alunos mais velhos numa turma de sexto ano. Do mesmo modo, é preciso referir que vários alunos não matriculados na disciplina pedem para assistir à aula, nomeadamente os novos alunos estrangeiros que vão chegando no meio do ano e encontram nesta disciplina um lugar de especial integração e conforto.

Através de uma pequena atividade, relacionada com o tema em estudo, pudemos

verificar alguns dados que se tornam interessantes para conhecer melhor a turma. Os alunos que frequentam a disciplina têm em média dois a três irmãos; o agregado familiar é composto pelo núcleo familiar (mãe, pai e irmãos); ambos os pais se encontram empregados; as habilitações académicas dos pais são, na maioria, o ensino básico (4.º a 9.º ano); ainda assim é considerável a percentagem de pais com o ensino secundário e superior (cerca de um terço). No que diz respeito à crença, apenas um aluno afirma não acreditar em Deus (no universo de vinte e seis); treze alunos confessam-se cristãos católicos e nove dizem-se não católicos. Poucos tinham frequência religiosa na paróquia e muito poucos tinham também frequência na catequese paroquial. Cerca de dez por cento dos alunos disse que costumava rezar todos os dias, ainda que cerca de metade se dizia batizado. Dentro do universo de alunos havia um aluno evangélico que participava também ativamente na aula.

Relativamente à motivação escolar, foi-nos possível aferir que esta era fraca. O empenho e a vontade dos alunos não são suficientes ao ponto de a escola conseguir ser uma realidade estimulante para os mesmos. Numa variada lista de opções, a maioria dos alunos colocou os itens escola, estudar e trabalhos de casa, como os que não gostam de fazer/frequentar. Ao contrário, a atividade preferida da maioria dos alunos (quase a totalidade) é ocupar-se com o *smartphone*.

É interessante notar como esta geração de alunos vê pouca televisão e prefere as redes sociais e outras plataformas digitais como o *Youtube*, *TikTok* e *Instagram*, por exemplo.

Um dos nossos alunos era autor e protagonista num canal do *Youtube* que se tornou famoso com o jogo, *Fortnite*, com cerca de três mil seguidores.

Percebemos que as redes e o desporto continuam a ser a grande área de interesse juvenil. A maioria é do Benfica e do Sporting e acompanham com muito interesse os eventos desportivos. Neste sentido, gostam muito da disciplina de Educação Física que aparece como

a disciplina favorita, em clara desvantagem com Português e Matemática, que aparecem maioritariamente como as menos interessantes para os alunos.

Além destes aspetos, deve referir-se que no global há alunos muito empenhados e alguns pouco interessados. Entre os pouco interessados, há alguns que claramente procuram atenção e carinho, outros realmente desinteressados. Sendo uma escola pública, a frequência da disciplina é de caráter facultativo. É interessante como um grande número de alunos opta pela disciplina, muitos atraídos pelas atividades letivas e alguns muito fortemente marcados pelas visitas de estudo.

Podemos dizer que, na grande globalidade, os alunos desta disciplina são assíduos, tendo em conta que o horário não é muito aliciante. A última aula de uma manhã não é o horário ideal para nenhuma disciplina. No entanto, era notória a assiduidade à disciplina.

Na turma há vários alunos referenciados com necessidades educativas especiais e alguns referenciados por doenças graves que merecem cuidado e atenção.

Entre os alunos há uma interessante e frutuosa colaboração e amizade. Foi notória a aceitação e carinho que, na globalidade, todos tiveram com duas alunas estrangeiras que chegaram no decorrer do ano. Uma vinda de Moçambique e outra da República Bolivariana da Venezuela, que com as suas diferenças e dificuldades foram bem acolhidas por todos.

Apesar das melhorias que se vieram a verificar, podemos referir que era uma turma ruidosa, devido a vários fatores: alunos cansados de uma manhã de aulas, a proveniência de várias turmas, a fome sentida no final da manhã, a sala um pouco quente e um pouco fria. No entanto, uma turma muito simpática, alegre, participativa, onde havia um bom ambiente entre professores e alunos e os diálogos após aula eram muito frequentes.

Embora as condições da sala não fossem as melhores (temperatura, luminosidade, falta de cortinas, que posteriormente sob proposta dos professores de EMRC foram alteradas),

podemos dizer que o ambiente educativo era muito bom. Havia muito respeito entre alunos e professores e destacava-se a grande simpatia dos alunos, com um carinho muito espontâneo e agradecido para com os seus professores.

7. A Unidade Letiva de referência

A unidade letiva em estudo no primeiro período foi: «A Pessoa Humana». Ficou estabelecido no núcleo de estágio, pelo facto de eu ser sacerdote, deveria ter um tema não tão religioso para sair da minha “zona de conforto”. Assim comecei a lecionar logo nas primeiras aulas do período até ao Natal.

A unidade letiva 1 – intitulada «A Pessoa Humana» – quer acima de tudo ajudar as crianças a perguntarem-se sobre o seu próprio “eu”. Ajudá-las a reconhecerem-se como pessoas com um lugar específico na sociedade e no mundo. Assim, a unidade começa por refletir sobre “quem é a pessoa?”, como estrutura individual (unidade irrepitível), como estrutura pessoal (ser em relação com os outros). Um ser formado não numa única dimensão, mas um ser multifacetado, por isso portador de várias dimensões: dimensão física, racional e volitiva (ser livre), afetiva e sexual, dimensão espiritual: a relação com o transcendente. Assim, esta unidade procura ajudar a construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

Por outro lado, procura promover a autenticidade, atribuindo aos valores do evangelho a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação), equivalência entre o que se é e o que se aparenta ser, vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade, aceitação de si mesmo. Somos, na realidade, seres dotados de direitos e de deveres.

A proposta curricular procura fazer-nos descobrir que a Igreja é promotora da pessoa humana, com inúmeras instituições que trabalham em prol da dignidade humana, e assim a Igreja torna-se um grande contributo para a construção da sociedade.

Finalmente, o itinerário do programa convida a reconhecer na Palavra de Deus uma proposta de humanidade, de pessoa em plenitude que nos ensina a ser pessoas e a amadurecer a responsabilidade pessoal perante a comunidade e o mundo, promovendo as relações cordiais e verdadeiras, a escuta, a partilha, a amabilidade e atenção, a boa comunicação, o respeito entre todos, a defesa dos direitos humanos e o cumprimento dos deveres.

No contexto da turma, da escola e do próprio caminho estabelecido no projeto educativo da escola, percebemos como esta unidade é importante para a construção de um perfil de aluno diferente. Acreditamos que tudo passa, em primeiro lugar, pela consciencialização de que somos pessoas humanas, seres vivos com uma identidade e potencialidade única; seres com várias dimensões que nos distinguem e nos tornam capazes de uma transformação grandiosa. De acordo com o novo perfil do aluno, vemos que esta unidade se proporciona a trabalhar muitos elementos centrais e importantes do crescimento da pessoa.

Neste sentido, a metodologia foi sendo pensada com o intuito de poder comunicar com todos os alunos, procurando partir da própria realidade de cada aluno, servimo-nos em muitos casos de exemplos, de experiências humanas frequentes e de testemunhos de pessoas que ajudem a perceber que há caminhos, que há opções diferentes, talvez desconhecidas, mas possíveis, que promovem a felicidade, a paz e a alegria.

Assim, as estratégias no processo de ensino aprendizagem passaram em grande parte pela procura da interação com os alunos, da procura de atividades que estimulassem a descoberta por eles próprios da beleza da criação e do mundo. Procurámos servir-nos de meios de expressão pelas quais os alunos são atraídos como a música e o vídeo. Servimo-nos,

também, de várias fichas que permitiram o confronto, a autodescoberta, a reflexão e interiorização dos conteúdos pretendidos.

7.1. Planificação de Nível IV da Unidade Letiva

No núcleo de estágio, optámos por adotar um modelo de relatório de aula que nos permitisse um trabalho mais ordenado e sistemático, ajudando-nos assim a estruturar o nosso trabalho, verificando sempre elementos essenciais neste trabalho reflexivo tão importante na PES.

Terminada cada aula, “religiosamente” nos reunimos cerca de uma hora para ver, a par e passo, como decorreu a aula e o que podemos aprender da prática letiva. Muito aprendemos graças à experiência do professor José António Oliveira, atento a tantos pormenores, mas que nos ajuda a olhar de um modo diferente não só para as estratégias utilizadas, como para os tempos, para as opções, as realidades.

Os relatórios de aula ajudam-nos assim a perceber como foi evoluindo todo este processo da PES, que elementos foram observados e que elementos nos ajudaram a crescer como professores.

Em todas as reuniões, seguimos sempre o mesmo esquema de trabalho, analisar a aula em si, como correu na generalidade, que pormenores, que elementos devemos cuidar, melhorar, pensar e planificar em linhas gerais o próximo encontro.

Para que as intervenções fossem significativas e construtivas, começávamos pela autoavaliação do professor que lecionou. De seguida, o outro colega estagiário fazia o seu comentário fruto da observação da aula, e por fim o professor cooperante refletia sobre os

procedimentos adotados e transmitia algumas orientações detalhadas, fruto da sua experiência. Tivemos sempre um bom ambiente de trabalho em que, com muita liberdade, nos ajudámos a melhorar dia após dia, num clima de muita caridade, educação e bondade. Realmente sentíamo-nos como amigos, mas numa atitude profissional que queríamos que fosse de qualidade e profissionalismo. O que foi realmente muito bom.

7.2. Análise e discussão da prática letiva

Terminado este percurso, e olhando para trás, é salutar analisar o caminho realizado. Pensar no que se fez, no que não se fez, no que se podia ter feito, no que se pode melhorar. Um professor precisa permanentemente de fazer esta mesma avaliação, percebendo que está num processo contínuo de aprendizagem. Por isso, urge pensar na sua ação educativa de uma forma crítica, reflexiva e ativa. Este princípio é um investimento de qualidade para a sua atividade profissional e para todos os que dela fazem usufruto.

Analisar a prática letiva da PES fez-me logo refletir sobre a importância que tem o poder confrontar a prática letiva com outros colegas; pensar, partilhar, debater, decidir o que melhor resulta perante a turma que temos. Para mim, este é um dos elementos mais positivos de toda esta experiência no campo de EMRC.

A própria dinâmica sugerida pela Faculdade de Teologia, depois do caminho feito no ano anterior, ajuda a dar solidez a todo o projeto. O termos pensado, estudado, conhecido e aprofundado tantos elementos da Didática, da Psicologia, da Gestão Escolar, da própria legislação sobre aspetos como a flexibilidade, fez-nos estar recetivos a novas perspetivas e desafios ao começar a aventura da PES.

O núcleo de PES e a sua dinâmica funcional de preparação, ação e avaliação ajuda-nos a pensar, debater, confrontar-nos com outras ideias, experiências, perspetivas de visão que nos enriquecem, nos fortalecem e nos tornam mais atentos e frutíferos.

Pensar na prática letiva na escola Damião de Góis é verificar o grande salto que se foi dando ao longo de todo o ano, a evolução que fomos conquistando à força deste percurso que nos é proposto, semana após semana. Quer estivéssemos a lecionar quer não.

Como diz o livro dos Provérbios: «Instrui um jovem no caminho que deve seguir, e ele não se afastará dele, mesmo quando for velho» (Provérbios 22,6). Guiados pela palavra de Deus fomos perseverantes e fortes, semana após semana, na concretização desta missão educativa que nos foi confiada.

7.3 Procedimentos e estratégias de planificação nas aulas

Os procedimentos que fomos aprendendo no ano letivo anterior, tanto em didática como na planificação, ajudaram-nos a ver agora na prática, a grande importância de preparar, planificar, organizar as estratégias e o ano letivo, de modo a que as ações sejam equilibradas, sejam serenas e possam dar fruto.

Ponto assente em todo este caminho de reflexão e prática pedagógica, vem da convicção «que devemos sempre centrar-nos no aluno tal qual este é. Este é o critério prioritário de delimitação de conhecimentos e atividades a desenvolver na escola»²⁶.

Planificar é sempre importante e fundamental, pois evitamos o grande perigo na educação que é a improvisação. Em educação é perigoso improvisar. É importante saber onde

²⁶ M. ZABALZA, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto, 1987, 113.

queremos chegar, o que queremos fazer, como pretendemos fazê-lo. Pode ser que um dia não resulte, mas é importante ter um mapa de marcha que oriente e ajude a traçar caminhos, rever estratégias, ver o que se vai conseguindo dia após dia, a planificação ajuda em muito o professor na organização e preparação do seu trabalho para que possamos ter realmente mais tempo de escuta, presença e serenidade.

Para poder planificar bem, foi importante conhecer a realidade. Talvez pela aparente realidade complicada, procuramos conhecer bem antes de agir. De facto, quanto mais conhecermos a situação dos alunos, as suas realidades e preocupações, mais facilmente poderemos planificar adequadamente²⁷. Por isso, foi importante conhecer o projeto educativo da escola. Foi interessante verificar como este foi construído pela comunidade²⁸. Após a análise do projeto educativo, onde se destacam objetivos de atenção aos alunos com mais dificuldades, às famílias com dificuldade, curiosamente um destaque repetido para os valores, podemos partir para a definição das prioridades que respondam às necessidades evidenciadas²⁹.

A planificação nível um é básica, pois ajuda a ver quantos dias temos, que feriados, que gestão temos de fazer de todo o programa, em vista de poder fazer escolhas.

As outras planificações nível II, III e IV são também importantes, para além de serem trabalho que perdura no tempo, ajudam a dar qualidade a toda ação educativa; ajudam a confrontar permanentemente o programa com uma turma específica que pede estratégias e ações diferenciadas.

Os materiais pedagógicos surgem porque há uma planificação atempada que permite ir delineando novas estratégias, diferentes, atuais que respondam às diferentes vivências de cada

²⁷ *Ibidem*, 67.

²⁸ M. POSTIC, *A relação pedagógica*, Padrões culturais editora, Lisboa, 2008, 278-279.

²⁹ Cf. M. ZABALZA, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto, 1987, 77.

turma.

Os materiais pedagógicos também não são o mais importante. O importante é o equilíbrio entre todas estas ações que são centrais e fundamentais no ato educativo.

Ser apenas refém de um dos materiais pedagógicos, por melhor que seja, rapidamente se esgota. Nos tempos que correm, é importante variar, encontrar novidade, mas algo com qualidade, que procure chegar aos objetivos. Posso ter o melhor tipo de material e recursos, mas se não é bem enquadrado, adaptado e integrado pode tornar-se um mau parceiro da ação educativa.

Um quadro interativo, painéis e *tablets* podem ajudar muito numa aula, no entanto, estes recursos não são sinónimos de qualidade das aulas. Há muito a tendência de pensar na inovação, como algo que se usa - novos instrumentos, novas pedagogias, novidades, experiências; corre-se o risco de estarmos perante uma prática pedagógica de “usa e deita fora”, esquecendo que o grande objetivo da educação é desenvolver a capacidade de pensar, conhecer, refletir, imaginar, observar, julgar e interrogar. Será que os educadores são apenas funcionários de disciplina? No passado, a escola era lugar privilegiado de socialização; hoje será que nela só encontramos males? Fala-se, por isso, de uma reviravolta na escola, o bem-estar escolar dos alunos não se mede apenas nas notas e nos resultados³⁰.

Como dizia Dom Bosco, é importante estar com o mundo e com os «tempos na vanguarda do progresso» (MB XVI, 320), e para isso é importante a formação permanente, saber-nos sempre em formação. Mesmo com os alunos, há sempre tanto a aprender. A humildade de saber-se sempre em progresso, dá aos professores e a qualquer educador, uma grande capacidade para se renovarem permanentemente.

Deste modo, vemos como uma pedagogia do encontro deve passar cada vez mais por

³⁰ Cf. F. FUREDI, *Fatica spreca. Perché la Scuola oggi non funziona*, Vita e pensiero, Milano, 2012.

uma fidelização dos clientes (como fazem as grandes marcas do mercado), com uma proposta clara e verdadeira, amável, sem arrogâncias e com humildade. Atrativa pelo simples facto de ser verdadeira, alegre, que dê esperança e sentido à vida³¹.

7.4. Reflexão global sobre a gestão do programa

Na globalidade, penso que foi uma gestão bem conseguida. Estivemos sempre muito atentos à realidade dos nossos alunos, da nossa escola e, nesse sentido, fomos tomando várias opções na gestão do programa.

A calendarização das aulas, a planificação da matéria, a reflexão sobre as estratégias e os métodos, penso que foram bem ponderados e acertados. Como propõe José Augusto Pacheco, tivemos sempre em conta os vários passos decisivos no trabalho de planificação e gestão curricular: «1) análise preliminar da situação; 2) especificação de objetivos; 3) seleção dos conteúdos educativos; 4) organização do conteúdo educativo; 5) elaboração da unidade; 6) avaliação»³². Ao mesmo tempo, fez-me pensar que muitas vezes os próprios alunos eram como nossas “cobaias” nesta PES, e em algumas situações foram vítimas de alguma in experiência, mas como em tudo há vantagens e desvantagens, há risco e ganhos. Numa investigação realizada durante três anos, observando as aulas em que atuavam professores estagiários, Doyle assinalou que as mais importantes características das aulas, a que aqueles jovens professores tiveram que fazer frente no momento das decisões didáticas foram: a

³¹ Cf. G. URÍBARRI BILBAO, “Retos de la cultura plural actual a la Iglesia para su reforma misionera”, *Revista Catalana de Teologia* 2 (2018) 299-301.

³² J.A. PACHECO, *Currículo: teoria e práxis*, Porto Editora, Porto, 2001, 73.

multidimensionalidade, a simultaneidade e a imprevisibilidade³³. Enfrentámos estes e muitos outros aspetos, mas procurámos responder a tudo sempre da melhor forma.

Como aprendemos no ano letivo anterior, PES ajudou-nos a planificar tendo em conta vários elementos que são determinantes na hora de escolher, pois planificar é escolher. Segundo Yinger, devemos ter em conta sempre: localização, estrutura e sequência que queremos propor, tempo disponível, participantes e suas características, ações que queremos desenvolver, conteúdos que queremos transmitir, materiais que pretendemos e precisamos de usar³⁴. E de facto, nas nossas grelhas de planificação, fazíamos referência a todos estes aspetos.

O que faz bons professores não é meramente cumprir um horário, cumprir um programa, obter bons resultados. Ser bom professor é respeitar a diferença, dosear as dificuldades, promover a cooperação, oferecer bons elogios, cultivar expectativas positivas, ensinar com entusiasmo, dar espaço à participação dos alunos, fazer perguntas, incentivar as perguntas dos alunos, organizar debates, prevenir a indisciplina, usar um estilo de liderança eficaz, comunicar com os pais³⁵. É bom querer permanentemente ser melhor educador. Como defendeu Santo Agostinho, a proposta pedagógica apresentada pelo professor deve basear-se sempre no princípio da liberdade. Na educação não podemos apresentar-nos como tiranos³⁶, mas aprender a educar pela bondade, pela mansidão e permanente atitude propositiva como o próprio Jesus nos ensinou. Ele que é o mestre dos mestres.

Jesus é, de facto, modelo de mestre comunicador e criador de pontes, Ele é o grande Pontífice. É interessante que entre as finalidades da própria disciplina várias indicam a

³³ Cf. W. DOYLE, “Learning the Classroom Environment: an ecological analysis”, *Journal. Of Teacher Education*, 6 (1977) 51-55.

³⁴ Cf. M. ZABALZA, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto, 1987, 171.

³⁵ Cf. A. ESTANQUEIRO, *Boas praticas na Educação*, Ed. Presença, Lisboa, 2012, 25-42.

³⁶ Cf. G. STEINER, *As lições dos mestres*, Gradiva, Lisboa, 2005, 87.

importância da disciplina estabelecer diálogo³⁷. Por isso, o professor de EMRC fortalece laços de trabalho, promove a partilha, origina liderança, facilita a interdisciplinaridade, conquista os que estão longe ou perto, facilita a comunicação, promove atitudes de proximidade³⁸. Precisamos refletir sobre um novo perfil de professor, adequado ao tempo em que vivemos e às necessidades da comunidade. Como disse Knute Rockne, podemos transpor na pedagogia o modelo educativo que nos apresentam os treinadores desportivos norte-americanos, que não se limitam apenas a debitar conhecimentos, mas têm um papel determinante na motivação e no acompanhamento dos mesmos³⁹.

Por fim, destaco outro desafio interessante que, ao longo de todo este trabalho, me fez refletir, relativo à atenção. Um dos elementos que o professor deve considerar, relativamente ao desenvolvimento da instrução, é saber o que deverá fazer para que os alunos prestem atenção ao que faz, se impliquem nisso e que essa implicação se mantenha apesar dos inumeráveis estímulos distrativos e ruídos comunicacionais que, sem dúvida, acabarão por surgir⁴⁰. Aqui várias podem ser as estratégias, como o humor, novidade, referências pessoais, diversos recursos técnicos⁴¹ que ajudam tanto na ação pedagógica, a captar o interesse, a despertar o interesse cognitivo levando a novas descobertas e aprendizagens.

³⁷ Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 14-15.

³⁸ Cf. A. GUERRA DA SILVA, “O clima afectivo da escola”, *Pastoral Catequética* 4 (2006) 67.

³⁹ Cf. G. STEINER, *As lições dos mestres*, Gradiva, Lisboa, 2005, 115.

⁴⁰ Cf. M. ZABALZA, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto 1987, 156.

⁴¹ *Ibidem*, 158-159.

CAPÍTULO 2

ENCONTRO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS

Se no primeiro capítulo abordámos a prática pedagógica como lugar de encontro e a educação como atividade promotora de encontros, neste segundo capítulo procuraremos perceber o porquê da pertinência deste tema e como tem sido abordado desde a reflexão filosófica e teológica.

Esta abordagem, que passa pela necessária justificação filosófica, coloca-nos diante a oportunidade de usar esta categoria como símbolo e chave para interpretar o misterioso relacionamento de Deus com o homem. Possivelmente, nesta categoria, encontramos a maneira menos inadequada de nos referirmos à experiência religiosa, à relação estabelecida entre o crente e Deus que sempre o ultrapassa, mas que nunca o separa, pois, ao mesmo tempo, Deus apresenta-se, paradoxalmente, como o "totalmente outro" e ao mesmo tempo como o mais íntimo e próximo da pessoa.

1. Encontro

Na raiz de toda a teologia está um encontro de amor⁴². Deus vem ao nosso encontro. A Encarnação torna-se, por isso, o grande encontro que nos permite afirmar que neste acontecimento todos podemos encontrar-nos com Deus. Encarnar, tornar-se carne, transforma-se na própria dinâmica comunicativa de Deus com o mundo e a criação. Deus escolheu vir ao nosso encontro assumindo a nossa carne, a nossa forma, a nossa existência. Assim, a categoria da encarnação ajuda-nos a intuir no encontro uma chave de leitura teológica que nos remete desde a ação pedagógica para a missão educativa.

Sabemos que a pessoa, como unidade psicossomática, é um todo corpóreo em interação recíproca com as diversas dimensões; por isso, o ser humano, é um ser de relações, um ser dinâmico, um ser de encontro e desencontros.

Na teologia apresentada pelo Papa Francisco, a dimensão do encontro assume um particular relevo. “Encontrar” e “acolher” têm sido palavras muito frequentes do pensamento, do magistério e do trabalho pastoral de Bergoglio e Papa Francisco. Herdeiro do caminho eclesial pós-conciliar, Jorge Bergoglio convida-nos a aprofundar e refletir muitas vezes sobre esta perspetiva.

Em sintonia com a linha de pensamento de K. Barth, o homem é imagem de Deus na medida da sua relação “eu” e “tu”. O Homem, como Deus, não é um ser solitário, foi criado homem e mulher. Deste modo, a criatura humana não poderá ser verdadeiramente humana ante Deus e os seus semelhantes sem esta relação e comunhão com os outros homens e

⁴² Cf. A. JIMÉNEZ ORTIZ, «Encuentro», in R. LATOURELLE – R. FISICHELLA – S. PIÉ-NINOT (Coord.), *Diccionario de Teología Fundamental*, San Pablo, Madrid, 1992³, 376-379.

mulheres⁴³.

Partindo da própria concepção bíblica, o homem é um ser em relação. Assim, podemos dizer que três são as relações fundamentais da existência humana: com Deus, com os outros homens e com o mundo.

1.1. Relação do homem com Deus

Destas três relações, a relação com Deus apresenta-se como a primordial. Deus aparece como o “tu” do homem e o homem como o “tu” de Deus, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade. «Ao criar o homem, Deus não cria uma natureza entre outras, mas sim um “tu”: cria chamando-o pelo seu nome, pondo-o como responsável (aquele que responde), sujeito deste diálogo interpessoal, cria uma “pessoa”»⁴⁴.

Outra das intuições bíblicas interessantes é considerar que a abertura do homem ao transcendente dá-se através da mediação da imagem de Deus. A única prova da minha resposta a Deus, do que eu amo acima de tudo é a minha relação interpessoal com os irmãos. Assim, é interessante que a Palavra de Deus seja concreta ao afirmar que: «Nós amamos porque Ele nos amou primeiro. Se alguém declarar: “Eu amo a Deus!”, porém, odiar a seu irmão, é mentiroso, porquanto quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4, 19-20).

«A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis “deixar o homem entregue à sua própria decisão”, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele.

⁴³ Cf. J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*, Sal Terrae, Santander, 1983, 44.

⁴⁴ *Ibidem*, 177-178.

Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão, ou seja movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa. O homem atinge esta dignidade quando, libertando-se da escravidão das paixões, tende para o fim pela livre escolha do bem e procura a sério e com diligente iniciativa os meios convenientes» (GS 17).

1.2. Relação do homem com o outro

Por outro lado, o homem é também um ser de encontro com os outros. Não vive sozinho, não pode viver sozinho, não é homem só⁴⁵. Como diz González Cardedal: «o que nos salva e plenifica é o amor que nos é conferido e não apenas a afirmação própria; que a pessoa é relação e se autentifica na doação e na recetividade»⁴⁶.

Citando e lendo o pensamento deste mesmo autor, podemos dizer que o encontro do Homem com Deus em Cristo suscita e exige o autêntico encontro entre humanos. Este encontro, por sua vez, provoca e exige o encontro com Deus, e nesse encontro com o outro encontramos Deus⁴⁷. Assim o substrato de todo o encontro deve ser o amor.

1.3. Encontro do homem com o mundo

Deste modo, é através do nosso corpo, dos nossos encontros e realidades, que nos encontramos com a natureza que nos envolve e rodeia. Estamos inseridos no dinamismo biológico da vida, inscritos no espaço e no tempo; tudo isto permite-nos experimentar e

⁴⁵ Cf. J. GEVAERT, *El problema del hombre, introducción a la antropología filosófica*, Sígueme, Salamanca, 2003¹³, 29.

⁴⁶ O. GONZÁLEZ CARDEDAL, *Jesús de Nazaret. Aproximación a la cristología*, BAC, Madrid, 1993³, 32.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 571.

celebrar a fecundidade e a agressividade das relações⁴⁸.

É assim que nos encontramos com Deus no mundo, através da simples oração, da contemplação com a natureza, do encontro com Cristo no irmão. Sem o mundo, nós não encontramos Deus. O mundo hoje, no tempo do Espírito Santo é o nosso lugar de encontro com Deus que nos visita através do mundo e dos outros.

Não é por caso que o mundo é a última dimensão fundamental do ser humano⁴⁹. O conceito de “encontro” pode ser objeto de numerosas análises. A Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Teologia, a Pedagogia, entre outras ciências, podem oferecer-nos importantes considerações no estudo do “encontro”. Estamos perante uma realidade rica e, ao mesmo tempo, complexa que apresenta variadas perspetivas. No entanto, uma aproximação dessas características não constitui o objeto do nosso trabalho.

2. A categoria do encontro

Partindo da etimologia, podemos descobrir uma série de elementos que iluminam a nossa compreensão. Em Português, quando falamos de “encontro” entendemo-lo como o ato de chegar até à pessoa ou coisa que se encontra; choque; colisão⁵⁰.

A própria etimologia da palavra expressa uma ideia, de certa forma, pessimista. Vem do latim *incontra*, que pode ser traduzido como “em contra”; outras línguas neolatinas, como Francês, Espanhol e Italiano, referem *rencontre*, *encuentro* e *incontro*. Assim, encontro é

⁴⁸ Cf. A. MARTINS, “Corpo, lugar (i)limitado”, *Communio* 33(2016) 109-120.

⁴⁹ Cf. J. GEVAERT, *El problema del hombre, introducción a la antropología filosófica, Sígueme*, Salamanca, 2003¹³, 107.

⁵⁰ “encontro”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, in <https://dicionario.priberam.org/encontro>, visitado 25/05/2020, às 15h59.

«etimologicamente, o fato de se deparar com outro homem de uma maneira mais ou menos hostil»⁵¹.

O encontro exige a reciprocidade das pessoas, coisas e realidades, isto é, o estabelecimento de uma relação recíproca entre o “eu” e o “tu”. Por outras palavras, como diz Juan Martin Velasco, podemos dizer que esta reciprocidade

«inclui alteridade insuperável, a resistência de pessoas que se encontram e a relação destas duas alteridades. A alteridade introduz na relação do encontro, uma característica para a qual o uso comum do termo presta pouca atenção: a transcendência respetiva das pessoas que se encontram»⁵².

Neste sentido, vale a pena lembrar uma das ideias mais queridas da teologia cristã. Quando se analisa a realidade do amor, do bem, da beleza, ou mesmo do diálogo, em todas estas experiências profundamente humanas, surge sempre a necessidade de transcender o mero plano horizontal e dirigir o olhar para o fundamento destas realidades. Noutras palavras, o humano refere-se sempre a Deus como fundamento, perfeição e criador.

2.1. O contributo da Filosofia

Gevaert refere que uma das dimensões fundamentais e centrais da existência humana é percebermos que aquilo que distingue a humanidade é o nosso ser com os outros. O encontro com o outro constitui o dinamismo que abre a humanidade à transcendência e à esperança religiosa⁵³.

Para muitos autores, em diferentes épocas, esta dimensão não foi muito valorizada.

⁵¹ P. LAÍN ENTRALGO, *Teoría y realidad del otro. II. Otredad y proximidad*, Revista de Occidente, Madrid, 1961, 21.

⁵² J.M. VELASCO, *El encuentro con Dios*, Caparrós Editores, Madrid, 1997², 37.

⁵³ Cf. J. GEVAERT, *El problema del hombre, introducción a la antropología filosófica*, Sígueme, Salamanca, 1981⁴, 31.

Muitos filósofos e pensadores focaram-se no estudo da concepção unitária do ser humano, a dualidade alma e corpo, o processo de hominização, a liberdade humana, a historicidade do ser humano, o sentido humano, a condição sexuada⁵⁴, uma antropologia “*imago Dei*”, a dignidade humana⁵⁵, humanidade chamada à amizade com Deus⁵⁶, entre outros aspetos.

A reflexão antropológica é vastíssima e incide sobre imensos aspetos e direções. Se na antiguidade vemos como Aristóteles na *Ética Nicomaqueia* insiste na amizade dizendo: «quando somos amigos, a justiça não é necessária, no entanto quando somos justos precisamos ainda de cultivar a amizade»⁵⁷. Verificamos que com o passar do tempo este enfoque do “encontro”, torna-se herdeiro da reação moderna que antes se centrava no indivíduo. Se em Descartes a antropologia se foca, essencialmente, numa visão da sua relação com o mundo material, em consonância com tudo o que a revolução copernicana trouxe, noutro lado extremo Feuerbach dirá que a essência do homem não é algo abstrato que habita no corpo, mas sim que a verdade autêntica é o somatório das suas relações sociais⁵⁸. Hobbes defenderá a submissão do indivíduo à comunidade mediante a transferência das liberdades pessoais para o reto funcionamento da sociedade. E dizia retomando antigos autores que «o Homem é um lobo para o Homem»⁵⁹. Enquanto Marx virá dizer que o homem é apenas ser social. O centro existencial é a coletividade, não a personalidade⁶⁰.

M. Buber e E. Levinas serão, na história da Filosofia, referências nesta “revolta” ou “revolução” na interpretação da existência humana, que caracteriza uma parte da antropologia

⁵⁴ Cf. J. DE SAHAGUN LUCAS, *Las dimensiones del hombre. Antropología filosófica*. Sígueme, Salamanca, 1996, 9-10.

⁵⁵ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Sal Terrae, Santander, 1988.

⁵⁶ Cf. L. F. LADARIA, *Teología del pecado original y de la gracia*, BAC, Madrid, 1993, 31.

⁵⁷ ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia* VIII, 1.

⁵⁸ Cf. A. V. SERRÃO, *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.

⁵⁹ Cf. “*homo hominis lupus*”, in T. HOBBS, *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder do Estado Eclesiástico e Civil*, Nova Cultural, São Paulo, 2000, 74.

⁶⁰ Cf. K. MARX, *Manuscritos: economia y filosofía*, Alianza Editorial, Madrid, 1972⁴, 146.

contemporânea. O pensamento dialógico que confere às relações com os outros a primazia no discurso antropológico deve-se, sem dúvida, a estes dois pensadores. Levinas diz-nos que encontramos Deus quando olhamos o outro, Deus fala através do rosto das pessoas. Não podemos encontrar Deus numa relação direta; um ser humano e outro ser humano, eis o cenário para a transcendência⁶¹.

Buber centra todo o seu trabalho, investigação e pensamento ao recusar permanentemente a redução da humanidade a uma mera única dimensão, centrada na relação com as coisas, e afirma rotundamente a presença de outra ligação fundamental, a relação com o Homem.

Para Levinas (tal como Buber, fortemente marcado pela experiência da segunda guerra mundial e do Holocausto), o reconhecimento do outro não pode nunca separar-se do reconhecimento concreto do outro no mundo, nem dissociar-se, por isso, da dimensão ética. E este conhecimento não é só baseado na justiça, mas também na bondade⁶². Assim o amor é uma vontade de promoção. O eu que ama deseja a existência do tu e quer, sobretudo, o desenvolvimento autónomo do tu. Neste sentido, a justiça é a medida mínima do amor e do reconhecimento que temos de dar a todos. Nesta lógica, dirá Ricoeur que o amor é o motor de toda a justiça, isto é, a alma das estruturas existentes e de todas as expressões jurídicas que regulam as relações humanas⁶³.

Outros pensadores referem ainda o perigo da indiferença. Marcel e Heidegger julgam negativamente as relações em terceira pessoa; denunciam o aumento massivo das relações de indiferença em concomitância com o surgimento das sociedades e civilizações

⁶¹ Cf. T. HALÍK, *Quero que tu sejas! Podemos acreditar no Deus do Amor?* Paulinas, Lisboa, 2015, 137.

⁶² Cf. E. LEVINAS, *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité*, Nijhoff, Den Haag, 1961, 49.

⁶³ Cf. P. RICOEUR, *Contradictions et conflits: naissance d'une société*, Semaines Sociales de France, Lyon, 1971, 192-193.

industrializadas e racionalizadas⁶⁴.

Sem pretender estudar o desenvolvimento e a contribuição da filosofia personalista contemporânea, simplesmente acrescento alguns tópicos que podem iluminar o nosso caminho, tendo em conta esta linha de pensamento, o contributo do chamado “personalismo”.

O personalismo pode ser definido como:

«a doutrina que postula o valor superior da pessoa contra o indivíduo, a coisa, o impessoal. O personalismo opõe-se, então, ao individualismo e ao impersonalismo. Aplicado a Deus, o personalismo é a doutrina contrária ao panteísmo e pampsiquismo»⁶⁵.

Nas palavras do protagonista desse movimento, E. Mounier, o personalismo é «toda doutrina, toda civilização que afirma a primazia da pessoa humana sobre as necessidades materiais e sobre os aparatos coletivos que sustentam seu desenvolvimento»⁶⁶.

Assim, Mounier e juntamente com Buber, ambos são personalistas e judeus, que recorrem tanto à tradição judaica do Antigo Testamento quanto ao pensamento ocidental como fontes de inspiração. Os dois herdaram uma conceção personalista que tem suas raízes na revelação bíblica.

A proposta de Buber é baseada nas relações fundamentais da pessoa, o "eu-tu" e o "eu-eu". A primeira refere-se ao encontro de sujeitos, livres e responsáveis; a segunda, refere-se ao relacionamento com objetos, com coisas ou ideias que aparecem como "isso". A pessoa é construída em diálogo, é reconhecida no "tu", que vem em primeiro lugar. A verdadeira vida surge no encontro dos sujeitos, encontro que é direto, já que não intervém, entre o "eu" e o "tu", nenhum sistema de ideias. Esta relação interpessoal é a base para a compreensão do relacionamento com o “Tu” eterno, com Deus, que se revela ao homem entrando em relação.

⁶⁴ Cf. J. GEVAERT, *El problema del hombre, introducción a la antropología filosófica*, Sígueme, Salamanca, 1981⁴, 63.

⁶⁵ J. FERRATER MORA, *Personalismo*, in J. FERRATER MORA, *Diccionario de filosofía*, Alianza Editorial, Madrid, 1982, 2555.

⁶⁶ E. MOUNIER, *Manifiesto ao serviço do personalismo*, Moraes, Lisboa, 1967, 20.

2.2. O encontro de Deus com os homens

O diálogo cultural necessário à fé não tem por missão acolher o mundo moderno e as suas estruturas lógicas, mas sim em obediência à fé cristã, pensar e interpretar a realidade, a história, a experiência humana⁶⁷.

Sabemos que a medula e o inaudito da fé cristã centra-se no mistério da Encarnação de Deus: não foi qualquer encarnação, mas a encarnação *kenótica* de Deus que se desnuda do seu ser divino, uma encarnação histórica e recapituladora de toda a humanidade⁶⁸. Ou, como diz o Cardeal Cayetano ao comentar o autor angélico: «A encarnação é a elevação de todo o universo até uma pessoa divina»⁶⁹.

Assim, a relação entre Deus e o homem é a história de um encontro. O homem foi criado para a salvação e para a aliança, para selar um pacto entre criador e criatura. Mas Deus não se limitou a esta primeira manifestação. Deus toma a iniciativa e manifesta-se e revela-se muitas vezes de variados modos. Foi construindo uma relação, e uma revelação progressiva de Deus que atingiu o seu ponto mais alto em Jesus Cristo, a Palavra encarnada. Em Jesus recomeçou, uma história de salvação, na qual Deus se manifestou condescendendo, adaptando-se às categorias humanas, revelando-se na história pela Palavra.

Lembrando as palavras de São Ireneu: «A Palavra torna-se o filho do homem para acostumar o homem a receber Deus e acostumar Deus a viver entre os homens»⁷⁰. Deus torna-se compreensível para o homem e este, criado e capaz de Deus, responde amorosamente à

⁶⁷ Cf. G. COLZANI, *Antropologia teológica, L'uomo paradosso e mistero*, EDB, Bologna, 1988, 13.

⁶⁸ Cf. J. I. GONZÁLEZ FAUS, *Otro mundo es posible... desde Jesús*, Sal Terrae, Santander, 2010, 417.

⁶⁹ *Ibidem*, 417.

⁷⁰ IRENEU, *Adversus Haereses*, III, 20, 2 (PG 7, 943-944).

proposta do encontro.

Quem são estes que tanto procuram e tanto encontram? Quem são os protagonistas do encontro definitivo da realidade e da história? Quem é Deus? Estas são, sem dúvida, algumas das questões que sempre inquietaram a humanidade.

«Algumas definições contemporâneas tentam fundir a dimensão filosófica abstrata e a dimensão concreta existencial. Segundo P. Tillich, Deus é "aquilo que afeta incondicionalmente tudo". G. Ebeling chama Deus de "o mistério da realidade"; K. Rahner, "o sagrado mistério", objetivo final e ponto de partida do homem, "o indisponível e sem nome, e que dispõe tudo, na liberdade amorosa"»⁷¹.

Quando falamos do Deus cristão, o protagonista por excelência do encontro com o homem, não nos referimos a uma noção, mas a uma realidade pessoal e vital que excede em muito qualquer ideia.

O que é o homem? Mamífero terrestre, bípede, animal racional, ser em relação... imagem de Deus. A questão insubstituível sobre o ser do homem caracterizou a reflexão e a existência humana. A Teologia também deve responder a esta pergunta perturbadora. Para o cristianismo, esta é uma questão crucial porque acreditamos num Deus que salva o homem, e que para realizar o seu plano de salvação, tornou-se homem. Mas o mistério ainda vai além, pois chega à afirmação paradoxal de que só no mistério de Deus, o criador, revelado em Cristo, o homem perfeito, podemos chegar a compreender-nos (Cf. GS 22).

2.2.1. Encontro, uma categoria bíblica?

Os grandes temas da Bíblia, e por isso da história da salvação, podem agrupar-se em

⁷¹ W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, Sígueme, Salamanca, 2001⁶, 15.

vários assuntos: a Criação, Deus que cria o mundo e o homem; o Êxodo, Deus que salva o seu povo; o Messianismo, Deus que promete um futuro através do Messias; Jesus Cristo, O filho de Deus e Senhor; O povo de Deus renovado na Comunidade/Igreja; O futuro absoluto de Deus, a vida eterna; a Aliança, uma história de amor, relação e encontro⁷².

Podemos dizer que a categoria do encontro, da aliança, da relação toca, de certo modo, toda a mensagem central e unificante da Bíblia. Toda a Bíblia é um diálogo entre Deus e o Homem.

«Quando Israel era ainda menino, Eu amei-o, e chamei do Egípto o meu filho. Mas, quanto mais os chamei, mais eles se afastaram; ofereceram sacrifícios aos ídolos de Baal e queimaram oferendas a estátuas. Como poderia abandonar-te, ó Efraim? Entregar-te, ó Israel? Como poderia Eu abandonar-te, como a Adma, ou tratar-te como Seboim? O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas» (Os 11,1-2.8).

Estas palavras revelam o coração de Deus e o coração da humanidade. Deus que ama em primeiro lugar, a humanidade que responde ao amor de Deus com o “sim” ou “não”. Mas Deus não se rende. Deus é fidelidade e responde à traição do homem com um amor ainda maior.

Esta dinâmica continua no Evangelho. Jesus entristece-se com a dureza dos corações. «Então, olhando-os com indignação e magoado com a dureza dos seus corações, disse ao homem: “Estende a mão”. Estendeu-a, e a mão ficou curada» (Mc 3, 5). Podemos, por isso, percorrer a história da Salvação e aperceber-nos concretamente como Deus quer mesmo encontrar-se connosco.

Deus toma sempre a iniciativa e generosamente nos dá a sua graça, pensemos na criação, no chamamento de Abraão, na Encarnação de Jesus na anunciação, na conversão de Paulo em Damasco, e em muitos outros momentos. O Homem é apenas chamado a acolher e responder, pondo-se, com fé, numa atitude de escuta e confiança em Deus. Como verificamos

⁷² Cf. C. BISSOLI, *Una Bibbia sempre giovane, tracce per un incontro*, LDC, Leumann, 1998, 87-91.

em vidas concretas como Abraão, Moisés, os profetas, Maria, Jesus, Paulo, Pedro e outros.

Infelizmente, o homem frequentemente tem rejeitado Deus, peca e, pecando, sai sempre perdedor. Pensemos em Adão e Eva, no bezerro de ouro, em Judas e Ananias.

Deus, que é amor, assiste às consequências do pecado e do afastamento da sua presença. Recordemos a tragédia do Jardim do Éden, o Exílio, o juízo final que Jesus fala (Mt 25, 31-46). No entanto, o homem grita por Deus. É a realidade da conversão, percebendo assim como a humanidade procura Deus, como acontece por exemplo na parábola do Filho pródigo (Lc 15, 11-32 ou no Salmo 51).

Deus, perdoadando a humanidade, refaz permanentemente uma nova aliança. É Pai, é misericórdia. Em toda a história da salvação há uma linha condutora e um fio de ouro que, página após página, vai acompanhando fielmente toda a história da salvação. Podemos dizer que esta linha de ouro tem inscrita a seguinte mensagem: Deus que é sempre fiel, Deus é amor! É o Deus que tenta vezes infinitas encontrar-se com a humanidade, Deus que nos dá uma e outra oportunidade, porque nos ama⁷³.

Sem querer abordar e perscrutar toda a Bíblia, basta começar pelos primeiros onze capítulos da Bíblia, do livro do Génesis, e conhecer como se apresenta a história de Deus e do Homem nas origens. A criação da humanidade fala da nossa essência. O episódio da criação da Humanidade é precedido da criação da terra. A descrição bíblica remete-nos para o contexto de um agricultor da Palestina: um solo seco e árido que precisa de água. Sem água e sem o trabalho da Humanidade a terra é infecunda.

«Quando o Senhor Deus fez a Terra e os céus, e ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para a cultivar, e da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície, então o Senhor Deus formou o homem do pó da

⁷³ Cf. *Ibidem*, 94-96.

terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo» (Gn 2, 4b-7).

Nestas linhas, encontramos uma síntese de antropologia Bíblica. Deus vem representado como um oleiro que modela a Humanidade. Uma Humanidade que sai da terra, permanece unida à terra, dependente da terra, frágil e destinada à terra, mas dependente de Deus que a criou. O nome Adão recorda continuamente que a Humanidade tem a sua origem na Terra. É o sopro de Deus que dá Espírito à vida, que dá vida⁷⁴.

E onde podemos encontrar este Deus? O encontro da Humanidade com Deus, ordinariamente, acontece segundo os Salmos, verificando-se em quatro lugares, que são como os sinais de Deus: na natureza, que testemunha a onipotência de Deus; na história, que é a epifania de Deus mediante acontecimentos; no tempo, lugar da sua presença e relação; Israel, objeto e veículo, ao mesmo tempo da divina salvação⁷⁵.

O homem bíblico fala de Deus em primeira pessoa⁷⁶. Com efeito, a dimensão da relação é, sem dúvida, constitutivo essencial da pessoa⁷⁷. E Jesus Cristo é o paradigma do encontro enquanto que nele converge o duplo movimento revelador de Deus e acolhedor do homem⁷⁸.

Na perspetiva bíblica, o conhecimento e o encontro com Deus não são vistos como um problema, pelo contrário são descritos e narrados como sendo um acontecimento. O homem bíblico vive numa permanente busca e descoberta de Deus, como um caminho longo e penoso que constantemente se tem que esforçar em percorrer; ele conhece sim, a história de um Deus que vem ao seu encontro permitindo que este o conheça, ou melhor, o reconheça, uma vez que Deus é a fonte do seu ser⁷⁹.

Das várias categorias que nos guiam para compreender a revelação cristã, uma das que

⁷⁴ Cf. M. CIMOSA, *Dio e L'uomo: storia di un incontro*, LDC, Leumann, 1998, 7-12.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 177.

⁷⁶ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Jesus de Nazaret*, BAC, Madrid, 1993³, 42.

⁷⁷ Cf. J. MARTIN VELASCO, *El encuentro com Dios*, Caparrós, Madrid, 1995, 19-23.

⁷⁸ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Jesus de Nazaret*, BAC, Madrid, 1993³, 34.

⁷⁹ Cf. J. AMBROSIO, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, Paulinas, Lisboa, 2002, 23.

adquire maior valor é a “palavra”. Investigando a categoria do encontro interpessoal, destacamos a importância da resposta. A palavra é um dos veículos fundamentais para o encontro. É a ação pela qual uma pessoa expressa e aborda outra em vista de uma comunicação. Essa experiência faz com que “se torne a categoria fundamental da Bíblia para expressar a Revelação de Deus”⁸⁰. Não é em vão que o relato bíblico começa com a ação criativa de Deus pela palavra. O Deus vivo e verdadeiro encontra o homem, dirigindo a sua palavra de vida e salvação, torna-se presente na história do homem. Esse diálogo atinge a sua expressão máxima com Jesus Cristo, a palavra definitiva de Deus (Jo 17, 6)⁸¹.

Este diálogo envolve um encontro, um “eu” e um “tu” que entram num relacionamento. Na revelação de Deus, realiza-se um encontro de amor. O homem responde à iniciativa divina com a fé que constitui o primeiro passo da liberdade do homem em direção a Deus. Neste encontro, sempre tem a iniciativa aquele que nos amou primeiro (1Jo 4, 10). Nesse encontro, dá-se a realização e a plenitude do homem, sua derradeira felicidade, salvação. Este encontro estabelece uma profunda comunhão entre Deus e o homem. Quem recebe a palavra de Cristo passa de ser um servo para ser filho e amigo (Gál 4: 4-6; Rom 8, 15; Jo 15, 15)⁸².

Revelando-se, Deus começa um encontro de amor e salvação com os homens. Esta revelação especial é feita na história pela Palavra que começa com o chamamento de Abraão, nosso pai na fé. Esta história de salvação é apresentada como promessa⁸³, à qual as pessoas respondem desde a fé e a obediência. Esta experiência de revelação constitui o fundamento do que consideramos o Antigo Testamento. O encontro e diálogo entre Deus e o homem apresentam um caráter pessoal, não individual, além disso, o diálogo é estabelecido entre Deus e o seu povo, a assembleia dos eleitos. Alguns dos membros desta comunidade serão

⁸⁰ S. PIÉ-NINOT, *La teología fundamental*, BAC, Madrid, 2016, 252.

⁸¹ Cf. R. LATOURELLE, *Teología de la Revelación*, Sígueme, Salamanca, 1966, 407-408.

⁸² Cf. R. LATOURELLE, *Teología de la Revelación*, Sígueme, Salamanca, 1966, 404-418.

⁸³ Cf. A. JIMÉNEZ ORTIZ, *Teología fundamental*, UPSA, Salamanca, 1988, 287-291.

particularmente escolhidos por Deus para uma missão concreta (Abraão, Moisés, os profetas, David), levando o povo ao seu Senhor. Deus manifesta-se como Senhor num sentido exclusivo e incomparável (Ex 20, 3-6). Ele é o Senhor da história de Israel, que se revela como o santo, exigindo direito e justiça, obediência e amor (Lv 11,14), mas acima de tudo, é o Deus da Aliança, do Êxodo, o Senhor que intervém na história para libertar o povo da escravidão e selar com ele um pacto de amor e fidelidade. A aliança é um marco na história da salvação. Apesar da história de Israel estar cheia de infidelidades, Deus responderá constantemente com o convite e a exigência de conversão e fidelidade. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a revelação é apresentada como tensão em relação ao futuro.

A revelação de Deus também é apresentada como realização e plenitude em Jesus Cristo, a palavra definitiva de Deus. Se o Antigo Testamento aponta para o futuro, no Novo as categorias basilares são o “hoje” e o “agora”, já que na pessoa de Cristo, mestre e profeta com autoridade, todas as esperanças são cumpridas. O encontro entre Deus e o homem atinge o seu ponto mais alto. Em Cristo, reconhecemos o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado para nossa salvação, para nos incorporar à vida divina.

2.2.2. O homem, de ouvinte a crente

Quando na tradição judaico-cristã falamos do homem, estamos diante do crente, diante daquele que depositou total confiança num Deus que conheceu pessoalmente. O primeiro grande testemunho dessa experiência bíblica original está em Abraão, nosso pai na fé. O homem não é apenas um ser capaz de Deus, no sentido de uma possível abertura à transcendência divina, mas aceita livremente o dom da fé, respondendo ao convite ao

encontro de Deus com ele.

A fé apresenta-se diante dos nossos olhos com uma dupla dimensão, pessoal e cognitiva.

«A fé alude diretamente ao caráter pessoal do relacionamento entre dois sujeitos. “Acredito em ti” significa “confio em ti”. É uma relação caracterizada pela confiança total na outra pessoa. Trata-se de confiar numa pessoa, além de todo conhecimento objetivo e toda a segurança ou evidência objetiva. A fé assim entendida é um encontro pessoal»⁸⁴.

2.2.3. O homem, capaz do desencontro

A história do encontro entre Deus e o homem também oferece a trágica realidade da possibilidade do desencontro. A partir da afirmação da liberdade dos protagonistas desta história de encontros, testemunhamos a traição e rotura da aliança. Dentro desta perspetiva, reconhecemos a capacidade humana de renunciar ao plano de Deus, à dádiva da sua vida. Deus mostra-se sempre disponível. O Concílio Vaticano II oferece uma rica reflexão que pode servir como introdução a esta questão:

«Criado por Deus na justiça, o homem, por instigação do diabo, no começo da história, abusou de sua liberdade, contra Deus (...) O homem, quando examina o seu coração, prova a sua inclinação para o mal e sente-se oprimido por múltiplos males, que não podem vir de seu bom criador. (...) Mas o próprio Senhor veio libertar e revigorar o

⁸⁴ F. MARTÍNEZ DÍEZ, *Teología Fundamental. Dar razón de la fe cristiana*, San Esteban-Edibesa, Salamanca, 1997, 119-120.

homem, renovando-o interiormente e expulsando o príncipe deste mundo, que o manteve preso ao pecado» (GS 13).

No entanto, uma pessoa, que se dá conta dos seus limites, humaniza-se. De facto, a única coisa que nos humaniza é recordar-nos dos nossos pecados, fazer memória das nossas debilidades. A nossa debilidade é uma escola que nos mantém constantemente humanos⁸⁵. O pecador é o que improvisadamente, por debilidade, cai e quer levantar-se, porque reconhece a distância que o separa de Deus. Entendendo o pecado como a recusa a deixar que Deus seja Deus. Arreponder-se é, por isso, deixar que Deus seja Deus na nossa vida⁸⁶.

Ser pecador, e reconhecer-se pecador será uma sorte? É perdoando os nossos pecados que Deus nos faz conhecer a sua identidade mais autêntica. Como iríamos conhecer o amor de Deus sem a experiência de David, Madalena, Zaqueu ou Pedro? Quem não se reconhece pecador com mais dificuldade reconhecerá a grandeza de Deus, pois a plenitude do seu amor revela-se no perdão. Assim aconteceu com o fariseu e o publicano no templo, com a pecadora. A sorte do pecador é aquela de receber o dom do amor por ter amado muito⁸⁷. É o próprio Jesus que diz: «São-lhe perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama» (Lc 7, 47).

2.2.4. A mediação cristológica no encontro com Deus

«Deus não pode dar-se a conhecer ao homem na sua essência. Ela só pode ser demonstrada nas suas obras, na sua palavra, na sua existência humana assumida como sua em Jesus e tornada a partir de dentro como uma realização divina em sua melhor

⁸⁵ Cf. L. M. EPICOCO, *Qualcuno a cui guardare, per una spiritualità della testimonianza*, Città Nuova, Roma, 2019, 48-68.

⁸⁶ Cf. G.W. HUGHES, *Deus de surpresas*, Apostolado de Oração, Braga, 2012², 117.

⁸⁷ Cf. V. SION, *La speranza del peccatore*, Gribaudi, Assis, 1996, 11.

autenticidade humana. Apenas em ação, na história, no tempo, na palavra, no viver e no morrer como um Homem Deus pode dar-se a conhecer como Deus»⁸⁸.

Em Jesus Cristo assistimos ao encontro da Humanidade com Deus, na medida em que nele ocorre o encontro de Deus com a Humanidade. Somente a partir do reconhecimento e da confissão de uma união hipostática na sua pessoa de natureza humana e de natureza divina⁸⁹, poderemos encontrar em Cristo o mediador entre Deus e a Humanidade.

«A sua humanidade gerada no ventre de Maria dá-nos a suprema esperança humana: ver Deus com nossos próprios olhos em nossa própria carne e na nossa fraqueza humana, que sofrendo como inocência total nos tornamos revelação total e amor total. Jesus é assim a medida da humanidade e a força da identidade humana, porque ele viveu filialmente diante de Deus até ao limite e fraternalmente com os homens até ao limite»⁹⁰.

Assim, a confissão de Calcedónia constitui uma das afirmações basilares da nossa fé. Somente a partir de uma interpretação correta da Pessoa de Cristo podemos descobri-lo como mediador do encontro com Deus.

Pode dizer-se:

«“Isto é sério, merece atenção, resiste às objeções”. Mas unicamente com a razão não poderemos ir mais longe. Quando começamos a dizer - Isto é verdade, eu acredito -, o salto já está em ação. Aqui está a pessoa livre que se compromete com um Deus que também é pessoal e livre, e reconhece a sua presença na vida de Jesus»⁹¹.

Isto é, devemos admitir uma continuidade pessoal harmoniosa entre o Jesus histórico e o Cristo da fé.

«Para fundamentar a continuidade pessoal entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, é necessário afirmar categoricamente a não contradição entre história e fé. A fé não é um mito sem fundamento histórico, nem um paradoxo sem fundamento racional. E, por sua vez, a história não é apenas o conjunto de acontecimentos intramundanos, mas é o diálogo salvífico de Deus com o homem. Consequentemente, no “acontecimento” Cristo,

⁸⁸ O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Jesús de Nazaret. Aproximación a la cristología*, BAC, Madrid, 1993, 74.

⁸⁹ Cf. Concílio de Calcedónia, 452 em DH 300-303.

⁹⁰ O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Jesús de Nazaret. Aproximación a la cristología*, BAC, Madrid, 1993, 36-37.

⁹¹ B. SESBOÛE, *Creer. Invitación a la fe católica para las mujeres y los hombres del siglo XXI*, = Magister 7, San Pablo, Madrid, 2000², 285-286.

a história e a fé estão indissolavelmente interligadas, de modo que o Cristo da fé é fundado no Jesus da história, e este, por sua vez, é o inspirador da fé da comunidade cristã primitiva»⁹².

«O cristianismo partilha com outras grandes religiões a fé num Deus único, infinito e transcendente, fonte de todo valor humano e cósmico. No entanto, a sua originalidade, singularidade e verdade é encontrada na profissão de que este Deus é pessoal e transcendente, mesmo permanecendo assim, tornou-se um homem verdadeiro. (...) Jesus Cristo é portanto, o lugar pessoal do encontro e do diálogo entre a divindade e a humanidade, entre a transcendência e a imanência, entre o eterno e a história, entre o absoluto e o relativo. A sua pessoa e seu acontecimento constituem a síntese e o supremo cumprimento de toda a mediação salvífica passada, presente e futura»⁹³.

Com estas palavras do Cardeal Ângelo Amato, introduzimo-nos na realidade central da encarnação da segunda pessoa da Trindade. Esta verdade é um dos elementos centrais e originais da nossa fé, que dá origem a uma revolução na maneira tradicional de interpretar e viver a relação entre Deus e os homens.

Falar da encarnação, da autêntica humanidade de Cristo, coloca-nos diante do supremo gesto de condescendência divina, que, querendo ser compreensível para os homens, torna-se um de nós. O significado destas afirmações não é apenas crucial para a revelação de Deus e a identidade de Cristo, mas constitui a pedra angular da nossa salvação, pois, lembrando a antiga conceção patrística, o que não é assumido não é salvo, «há salvação porque o verbo encarnou-se»⁹⁴. «A encarnação deve ser entendida não num sentido pontual, mas num sentido diferido; isso não acontece num instante, mas em toda a história de Jesus»⁹⁵.

2.3. O magistério da Igreja

⁹² Cf. A. AMATO, *Jesús el Señor*, BAC, Madrid, 1998, 43.

⁹³ *Ibidem*, 358-359.

⁹⁴ IRENEO DE LYON, *Adversus Haereses*, III, 10, 3 (PG 7, 874-875).

⁹⁵ O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, BAC, Madrid, 2000, 394.

Os últimos Papas têm recordado com insistência o magistério da Igreja. Na origem do nosso ser crente existe um encontro, único no seu género, que assinala a abertura de um mistério escondido durante tantos séculos, mas agora revelado:

«Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1, 9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina». Trata-se de uma iniciativa completamente gratuita, que parte de Deus e vem ao encontro da humanidade para a salvar. Enquanto fonte de amor, Deus deseja dar-Se a conhecer, e o conhecimento que o homem adquire d'Ele leva à plenitude qualquer outro conhecimento verdadeiro que a sua mente seja capaz de alcançar sobre o sentido da própria existência» (FR 7).

O próprio magistério, em vários momentos, tem manifestado a sua preocupação e insistência nesta dinâmica de encontro. Expressa isso a própria dinâmica de trabalho em sinodalidade, a diplomacia, a estrutura comunicacional da Igreja e os diferentes documentos institucionais da Igreja Católica.

O próprio magistério, recorda-nos que:

«a humanidade inspirada em um *humanismo integral e solidário*, vê que esta unidade de destino é frequentemente condicionada e até mesmo imposta pela técnica ou pela economia, adverte a necessidade de uma maior consciência moral, que oriente o caminho comum. Estupefatos pelas múltiplas inovações tecnológicas, os homens do nosso tempo desejam ardentemente que o progresso seja votado ao verdadeiro bem da humanidade de hoje e de amanhã» (CDSI 6).

Há permanentemente uma insistência na necessidade de encontro, diálogo, conhecimento e relação. «O ser humano é um ser pessoal criado por Deus para a relação com Ele, que somente na relação pode viver e exprimir-se e que tende naturalmente a Ele» (CDSI 109).

«O homem não vive só de pão, vive da palavra, de amor, de sentido da realidade. O

sentido das coisas é o verdadeiro pão pelo qual o homem se sustenta, e pelo qual alimenta o núcleo mais central da sua humanidade»⁹⁶.

Da mesma forma o Papa Francisco não se cansa de repetir as palavras de Bento XVI na Carta Encíclica *Deus Caritas est*⁹⁷: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (EG 7). Nesta linha, o Papa convida-nos a projetar uma cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões (Cf. EG 239).

De modo semelhante, Dom José Tolentino Mendonça afirma:

«A vida do ser humano não se pode restringir apenas ao âmbito dos verbos transitivos: o que eu faço, o que eu compro, o que eu como... Os verbos transitivos inscrevem-se no domínio do “isso”. Mas na verdade é que o “isso” não basta: precisamos de um “tu”»⁹⁸.

«É fundamental entendermos a vida como mistério de visitaçã. A cada hora somos visitados, e desse reconhecimento depende o vigor da nossa esperança. A amizade é a aceitação de que Deus nos visita através do que nos é próximo. Com os amigos construímos uma história que é sagrada, mesmo se a nossos olhos parece apenas feita de coisas simples e muito humanas. Depende muito do que estamos a acolher quando acolhemos os outros»⁹⁹.

Na exortação apostólica *Gaudete et exultate*, o Papa Francisco refere que «Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro» (GE 26). Vemos, desta forma, como este tema do encontro merece cada vez mais a nossa atenção, cuidado, reflexão e deve levar-nos, como professores, a implicações pedagógicas.

⁹⁶ J. RATZINGER, *Introduzione al cristianesimo*, Queriniana, Brescia, 2003¹², 40.

⁹⁷ PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus caritas est*, 25-XII-2005, AAS 98/3 (2006) 217-252.

⁹⁸ J.T. MENDONÇA, *Uma beleza que nos pertence*, Quetzal, Lisboa, 2019, 163.

⁹⁹ *Ibidem*, 18.

2.4. Conclusão

«Tudo começou com um encontro. Algumas pessoas entraram em contato com Jesus de Nazaré e ficaram com ele. Por este encontro e por tudo o que estava em jogo na vida e na morte de Jesus, as suas vidas receberam um novo significado»¹⁰⁰.

Entre os muitos que se encontraram com Jesus estavam aqueles que ouviram a sua mensagem e acreditaram nele, mas permaneceram nas suas aldeias. José de Arimateia era um deles (Mc 15,43), Zaqueu (Lc 19, 8ss), Lázaro de Betânia, o amigo de Jesus. Nesta grande história de encontros, estavam os discípulos, a quem Jesus chamara pessoalmente (Lc 9, 59) para segui-lo e abandonar tudo o que tinha sido a sua vida até então. Neste grupo, encontramos Cléofas (Lc 24,18) e Maria Madalena (Lc 8,3-3). Finalmente, encontramos o grupo dos doze, os escolhidos entre os discípulos que seguiram de perto o mestre e desempenharam um papel fundamental na Igreja nascente, e entre eles Pedro, a rocha da nova comunidade (Mt 16, 18).

Sendo o encontro uma categoria nuclear do mistério cristão¹⁰¹, num mundo em “pecado”, dividido, separado, somos convidados a uma nova fraternidade, a uma nova relação, a um novo encontro.

A categoria do encontro é antropologicamente e teologicamente um conceito objetivo, porque coloca o homem na abertura e na disponibilidade de acolher e devolver, de receber e dar, vela a necessária comunicação e reciprocidade intrínseca a todo o amor¹⁰².

Deus e Homem cruzam-se, encontram-se mutuamente e reconhecem-se.

¹⁰⁰ E. SCHILLEBEECKX, “Jésus de Nazareth. Le récit d’un vivant”, *Lumière et Vie* 134 (1977) 14.

¹⁰¹ Cf. J. F. G. AMBROSIO, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, Paulinas, Lisboa, 2002, 13.

¹⁰² Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Jesús de Nazaret. Aproximación a la cristología*, BAC, Madrid, 1993, 32.

«Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude» (GS 22).

A encarnação torna-se portadora da maior novidade da história da humanidade e transforma-se em paradigma fundamental da nossa vida humana. «O Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). Deus torna-se carne, Deus vem ao nosso encontro para que na nossa carne possamos encontrar-nos com Ele, com o mundo e com a vida.

CAPÍTULO 3

EDUCAR PARA O ENCONTRO

O itinerário percorrido até aqui leva-nos a pensar nos desafios e implicações pedagógicas que este tema do “encontro” traz para a missão educativa. Procuraremos, neste capítulo, desde um ponto de vista hermenêutico, aprofundar a dimensão do encontro como elemento estruturante da Teologia, da Antropologia e da vida quotidiana dos alunos. Segundo a pedagogia Salesiana, inspirada grandemente nos escritos e na tradição de São João Bosco, procuraremos encontrar pistas para uma pedagogia do encontro, que nos ajude a criar um modelo pedagógico relacional, professor-aluno, capaz de inspirar qualquer professor independentemente da escola, do contexto ou realidade da missão docente.

1. Professor de EMRC, o profissional do encontro

Inseridos numa realidade, onde domina uma cultura de tédio e de lazer, marcada pelo capitalismo, uma cultura de massa, mentalidade de descarte e consumo, urge pensar a

educação de novo e de outra forma¹⁰³. Numa sociedade mudada, onde a cultura se transforma de forma acelerada, os valores, as dinâmicas, os interesses, os desenvolvimentos mutam, a forma de educar também precisa de mudar.

Sendo a escola lugar de encontro e relação¹⁰⁴, esta torna-se um instrumento privilegiado de inclusão social, segundo as capacidades de cada um¹⁰⁵. A escola não pode ser vista apenas como uma antecâmara da vida, mas um ponto de encontro onde a vida se manifesta plenamente. A escola é uma família de pessoas onde as diferenças e o pluralismo se manifestam na procura de sentidos para a vida¹⁰⁶.

Neste contexto, o professor, como profissional do encontro, tem de ser alguém que pensa, que vê mais longe, alguém reflexivo, dialogante, preventivo, aberto ao debate e confronto, atento, capaz de antever e planificar.

Necessitamos de uma verdadeira cultura do encontro, uma rede não apenas de fios, dados, mas uma rede de pessoas, de encontro, de vidas¹⁰⁷.

Como recordam tantos santos, educar é um ato de amor. E a educação é feita também na escola, nos encontros, nos diálogos, no trabalho, no estudo, nas amizades. Por isso, a escola torna-se local onde se reforçam laços e relações que perduram no tempo¹⁰⁸.

Não podemos, como professores, esquecer a importância de uma educação que promova o protagonismo e a participação, levando-os a tomar decisões e reflexões sobre as razões que sustentam a prática democrática¹⁰⁹.

¹⁰³ Cf. C. SÁ CARVALHO, “Uma certa fé – como creem os adolescentes”, *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012) 174.

¹⁰⁴ Cf. G. D’OLIVEIRA MARTINS, “O conhecimento do fenómeno religioso”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 9.

¹⁰⁵ Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Carta Pastoral, a Escola em Portugal, Educação integral da Pessoa humana”, *Pastoral Catequética* 14 (2009) 9-22.

¹⁰⁶ Cf. G. D’OLIVEIRA MARTINS, “Escola e educação”, *Pastoral Catequética* 14 (2009) 29.

¹⁰⁷ Cf. M. SPÓLNİK, “La questione antropologica interpela il Sistema Preventivo oggi”, *Rivista di Scienze dell’Educazione* 1 (2013) 92-120.

¹⁰⁸ Cf. A. GUERRA DA SILVA, “O clima afectivo da escola”, *Pastoral Catequética* 4 (2006) 65.

¹⁰⁹ Cf. A. MOUGNIOTTE, *L’école de la République. Pour une éducation à la démocratie*, Press Universitaires

Como sociedades plurais é sempre necessário amadurecer uma identidade sociocultural aberta e plural, consciencializar-nos e harmonizar as diferenças culturais existentes, conhecer e respeitar a legislação de cada país e os códigos internacionais relacionados com os direitos humanos, participar ativa e responsabilmente na vida social e política¹¹⁰.

Temos de ser profissionais da educação atentos a uma renovação da educação que pede racionalidade profissional, trabalho, revalorização dos conteúdos da aprendizagem, recursos didáticos¹¹¹.

Assim, urge preparar, formar, acompanhar os docentes¹¹², ajudando-os a ser professores conscientes da sua vocação educativa, num equilíbrio entre personalidade humana, docente e crente¹¹³ e, ao mesmo tempo, preparados no campo científico próprio do seu saber; professores que revelam amor pela sua ciência; professores que se assumem como portadores de saber; que revelam sentido de pertença à sua comunidade científica¹¹⁴.

Como disse o Papa Francisco em 2015:

«A primeira atitude de um educador é o amor. É nestas figuras, como São João Bosco, que também vós, professores cristãos, podeis inspirar-vos para animar, a partir de dentro, uma escola que, prescindindo da sua gestão estatal ou não estatal, tem necessidade de educadores que sejam creíveis e de testemunhas de uma humanidade madura e completa. Testemunho! E isto não se compra, nem se vende: oferece-se»¹¹⁵.

A EMRC tem, por isso, um lugar não sempre assegurado, mas de grande importância nos dias de hoje, pois as raízes cristãs da cultura europeia são, no nosso caso concreto,

de Lyon, Lyon, 1996, 27.

¹¹⁰ Cf. E. OTTONE, “Strategie di formazione alla cittadinanza responsabile: una proposta”, *Seminarium* 46 (2006) 587-608.

¹¹¹ Cf. M. ZABALZA, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto, 1987, 277-280.

¹¹² Cf. J. PEREIRA, “Uma perspectiva sobre o perfil do professor”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 97-123.

¹¹³ Cf. T. SILVA NUNES, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, *Forúm Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa, 2005 83-88.

¹¹⁴ Cf. D. OLIVEIRA PEDRINHO, “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012) 21-36.

¹¹⁵ PAPA FRANCISCO, *Discurso à união católica italiana de professores, dirigentes, educadores e formadores* (14 de Março de 2015), in

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150314_uciim.html visitado 02/05/2019.

inegáveis, e tornam, por isso, necessária e pertinente uma abordagem da questão religiosa¹¹⁶. Em nós, professores e educadores, herdeiros desta nobre missão de educar, temos a missão de estar atentos e empenhados na grande responsabilidade de educar as novas gerações do nosso século sob o signo do encontro. É neste contexto que o professor de EMRC, tal como no Cristianismo nascente, nasce e volta a nascer cada dia de encontro, de seguimento, do testemunho, da vida que é vivida com sentido¹¹⁷.

Este encontro, porém, exige algumas condições. Estamos num jogo de pontos onde as regras estão previamente definidas¹¹⁸. É ilusório, de forma extrema, pensar a educação como encontro de forma divertida e poética, precisamos ter consciência da realidade. Educar exige responsabilidade, exigência, ética, respeito e profissionalismo. Como em tantas coisas, educar exige um sã equilíbrio. Já no seu tempo, Comênio, humanista do século dezassete, recordava-nos que a educação não pode cair da estratosfera, mas deve partir das coisas concretas da vida¹¹⁹. Educar é, por isso, um processo de acompanhamento e promoção do aluno. Comênio dizia que «Os pais, as mães, os professores e os discípulos deem exemplos de vida disciplinada, que, como faróis brilhem sempre diante das crianças. As crianças são macaquinhos impacientes que imitam tudo o que vêem»¹²⁰.

Como diz J. Ardoino:

«Nunca pode haver uma mudança real da escola e dos sistemas de formação, sem que um projeto de uma nova sociedade lhe venha dar sentido, pois não é possível conceber uma mudança social profunda, sem se proporcionarem os meios de uma educação apropriada à sua promoção»¹²¹.

¹¹⁶ Cf. J. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 27-39.

¹¹⁷ Cf. P. SEQUERI, “In retorno al vangelo e al rinnovamento della Chiesa”, *Revista Catalana de Teologia* 2 (2018) 310.

¹¹⁸ Cf. M. P. CARLOS ALVES, *Currículo e avaliação, uma perspectiva integrada*, Porto Editora, Porto, 2004, 32-133.

¹¹⁹ Cf. COMÊNIO, *Didáctica Magna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, 211.

¹²⁰ *Ibidem*, 349.

¹²¹ M. POSTIC, *A relação pedagógica*, Padrões culturais editora, Lisboa, 2008, 42.

Urgem novos projetos, novos desafios, novas metas, novos professores, que com renovada paixão, possam levar por diante esta grande missão que nos é confiada.

Sabemos que as crianças, de corpo frágil, são portadoras de uma mensagem gigantesca: «dentro de um povo culpável, as crianças são a única esperança que resta»¹²². Por elas vale sempre a pena dar a vida, apostar o futuro. A Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa fez publicar em 2005 uma recomendação (1720) na qual, para além de referir o direito à religião e o direito dos pais a educar os filhos de acordo com as suas crenças, afirma ainda que:

«a Educação é essencial para combater a ignorância, os estereótipos e as incompreensões das religiões», sendo, por isso, muito importante que os governos procurem educar sobre as religiões, no sentido de promover o diálogo inter-religioso¹²³.

No ano 2007, o ODIHR, parte integrante da OCDE, trouxe à luz o documento de *Toledo guiding principles on teaching about religions and beliefs in public schools*. Na base deste documento está o princípio de que a formação religiosa é uma parte importante para uma educação integral de qualidade, que poderá fomentar a cidadania democrática, o respeito mútuo, a liberdade religiosa e promover a compreensão da diversidade social¹²⁴. Toda esta realidade, mais do que nunca, torna-se hoje premente e atual.

Demanda, dentro deste panorama, um sério acompanhamento e formação dos docentes da nossa disciplina, que vemos ser cada vez de maior interesse e importância na capacitação das novas gerações; docentes com competências disciplinares, psicopedagógicas,

¹²² A. NEHER, *L'essence du prophétisme*, PUF, Paris, 1955, 135.

¹²³ Cf. COUNCIL OF EUROPE, *Education and religion*, Recomendação 1720 (2005), in <http://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=17373&lang=en>, visitado a 25/05/2020, às 16h10.

¹²⁴ «La educación es esencial para combatir la ignorancia, los estereotipos y la falta de entendimiento de las religiones. Los gobiernos deben hacer también mas para garantizar la libertad de conciencia y de expresión religiosa, para fomentar la educación en religiones, para alentar el dialogo con y entre religiones y para promover la expresión cultural y social de las religiones. In “Principios orientadores de Toledo sobre la enseñanza acerca de religiones y creencias en las escuelas públicas” elaborado por el consejo asesor de expertos sobre libertad de religion o creencia de ODIHR 2008, p. 96.

metodológico-didáticas, organizativo-relacionais e de pesquisa e formação permanente à altura do grande desafio¹²⁵.

Estamos conscientes de que, cada vez mais, a realidade das nossas sociedades e comunidades irá exigir uma educação que não se cinja apenas a aludir à questão religiosa. Estamos convencidos também que, de forma crítica, ponderada e profunda, será pedida cada vez mais, ao ensino religioso escolar, uma resposta que ajude a criar comunhão, que ajude a formar homens e mulheres que, apesar das diferenças, dos credos, possam viver de forma harmónica e em paz.

Há dificuldades sistémicas que dificultam o processo, como saber que a presença do professor de EMRC com a turma só acontece uma vez por semana; que o professor de EMRC não é uma presença assídua na vida escolar do aluno, e muitas vezes na própria escola e processo escolar dos alunos, mas torna-se assim um visitante semanal.

Como dizem Roldão e Alarcão,

«No seu conjunto, os estudos veiculam uma imagem ideal do professor crítico e reflexivo, gerador de inovações e de mudança, tanto em si como nos outros e na escola. Acentuam também a superação da ideia de professor cujo conhecimento se restringe aos conteúdos disciplinares e às características psicológicas e sociais dos alunos. Recomendam a integração de saberes e a sua ligação à ação prática e à vivência da cidadania. A nova conceção está, obviamente, associada a mutações nas noções de ensino e aprendizagem. O modelo de professor como transmissor de conhecimentos surge hoje em dia como redutor e desadequado»¹²⁶.

Ensinar, ou seja, fazer com que alguém aprenda, tem sido muito largamente preterido em favor de «dar matérias», predominantemente pelo discurso oral do professor, apoiado num manual que segue, ou faz seguir, uma certa sequência de conteúdos, deixando esquecido, por

¹²⁵ Cf. Z. TRENTI (Coord.), *Manuale dell'insegnante di Religione*, LDC, Leumann, 2004.

¹²⁶ I. ALARCÃO - M.C. ROLDÃO, *Supervisão um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*, Edições Pedagogo, Mangualde, 2010, 54.

detrás desse formato, o verdadeiro trabalho que cabe à escola – garantir que se aprenda aquilo de que se vai precisar, pessoal e socialmente, para uma boa integração social ou, pelo menos, aceitável¹²⁷.

2. A pedagogia do encontro proposta por Dom Bosco

Dom Bosco recebeu de Deus uma autêntica paixão pela salvação espiritual e humana da juventude em perigo. Em São Francisco de Sales encontrou sempre um modelo de bondade e zelo pastoral que determinou a sua forma de ser, fazer, rezar e viver. Do Santo de Sales apropriou-se da expressão: “*Da Mihi animas, coetera tolle*” (MB XVII 365-366) (Dai-me almas e ficai com o resto); uma frase que se torna o lema místico de toda a família espiritual que tem em São João Bosco o fundador e em São Francisco de Sales o patrono e modelo.

O Espírito Santo, autor de todos os dons e carismas, suscitou em Dom Bosco uma forma de viver, um estilo e uma pedagogia de vida que procura responder aos apelos do seu tempo, procurando viver o Evangelho de uma forma diferente e nova para a sua época. Tudo isto, fruto de um extraordinário amor, capaz de inventar respostas originais perante os desafios e as urgências que emergiam do contexto em que Dom Bosco vivia.

Uma metáfora pode ajudar-nos a compreender melhor o significado do termo “espiritualidade”.

«Podemos pensar no Evangelho como uma espécie de partitura musical, que pode ser interpretada por diversas orquestras e segundo diversas adaptações. O diretor da orquestra não é o compositor da obra, mas de certo modo, adapta-a, realçando, mais do

¹²⁷ Cf. M.C. ROLDÃO, *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, 17.

que outro colega, uma tipologia de instrumentos ou interpretando de um modo original e criativo certas matizes da composição. O Evangelho é sempre o mesmo para todos e não é fruto da sua originalidade. Mas cada um pode interpretar de forma original o Evangelho»¹²⁸.

A proposta pedagógica e espiritual de Dom Bosco não surge de geração espontânea. Dom Bosco é um homem do seu tempo e herdeiro da sua história, da formação que recebeu, das experiências que a própria vida lhe proporcionou. Por isso, podemos dizer que Dom Bosco faz uma síntese pessoal de tantos acontecimentos, experiências, estudos e situações que se tornam proposta de vida espiritual para os seus jovens.

2.1. Pedagogia do encontro e do grupo

Marcado fortemente pela experiência da sua infância e juventude, Dom Bosco valoriza muito a dinâmica de grupo e a importância do encontro e dos grupos. Não por acaso fica grande devoto de São Filipe de Néri, o santo da alegria, da proximidade, do oratório, que era o Santo patrono do Seminário quando estudou em Chieri.

A proposta de Dom Bosco é de uma vivência em comunidade, em família e em grupo. Dom Bosco, no dia da sua ordenação, escreverá como lembrança espiritual: «Para o céu ou para o inferno não vamos sozinhos»¹²⁹; indicando, assim, a importância que há de caminhar juntos, em comunidade, em família.

Assim, nas Constituições Salesianas afirma-se: «Viver e trabalhar juntos é, para nós, uma exigência da própria vocação» (C 51). Dom Bosco cedo percebeu a importância da família. A experiência de paternidade perdida e a forte experiência de relação com a mãe fê-lo

¹²⁸ G. BUCELLATO, *A Espiritualidade de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2018, 7-8.

¹²⁹ P. FERREIRA, *70 dias com São João Bosco*, Edição Cavaleiro da Imaculada, Porto, 2009, 37.

perceber e intuir que a comunidade, o grupo, a família são um elemento central do crescimento, da pedagogia e da vivência cristã.

Por isso, torna-se fundador de comunidades, de escolas, de grupos, congregações; escritor de regulamentos, onde deixa muitas vezes transparecer a grande importância que tem para ele esta dimensão. Há uma experiência negativa que o marca, no seminário de Chieri. Os seus superiores são distantes dos alunos, não os saúdam, não lhes falam, não se interessam por eles. Nas Memórias do Oratório, Dom Bosco escreve que «isso acendia cada vez mais no meu coração a vontade de ser padre o mais depressa possível para me entreter no meio dos rapazes, a fim de os assistir e ajudar em qualquer ocorrência»¹³⁰.

Inspirado na importância que teve na sua juventude a Sociedade da Alegria¹³¹, o grupo de rapazes liderado por João Bosco, que se reunia com frequência para ler, debater, rezar, trabalhar, Dom Bosco valorizará sempre a importância do grupo. Pensemos como, no oratório, funda, com São Domingos Sávio, a Companhia da Imaculada, a Companhia de São Luís, a Companhia do Santíssimo Sacramento; são diferentes grupos, com diferentes motivações e modalidades de funcionamento, adequados aos perfis diferenciados de jovens, mas onde a dimensão grupal é estratégia. É no grupo que cada jovem é convidado a assumir uma função, promovendo assim o protagonismo juvenil, a liderança de cada membro e criando já naquela época dinâmicas de sinodalidade.

2.2. Pedagogia comprometida com a Igreja e o mundo

Um santo determinante na sua vida, na sua forma de ver o mundo e a realidade é São

¹³⁰ J. BOSCO, *Memórias do oratório de São Francisco de Sales*. Edições Salesianas, Porto, 2012, 78.

¹³¹ Cf. J. BOSCO, *Memórias do oratório de São Francisco de Sales*, Edições Salesianas, Porto, 2012, 40.

Vicente de Paulo, o santo da Caridade, que, no pensamento de Dom Bosco, expressa aquele amor vivo a Deus e ao próximo. O amor aos pobres e à oração fazem da sua proposta pedagógica e espiritual um caminho comprometido, na Igreja e no mundo.

D. Bosco insistia com os seus jovens para que se tornassem «honestos cidadãos e bons cristãos»¹³². A síntese dos dois elementos é o fruto mais maduro da espiritualidade juvenil. A simplicidade da fórmula esconde o esforço que exige e o compromisso nunca totalmente realizado. São inúmeros, na vida de Dom Bosco, os episódios onde se verifica este compromisso social e cívico. Dom Bosco teve este dom de ver o que se passava à sua volta e de procurar responder às necessidades. Como referiu o Papa Francisco, no Panamá, nas JMJ:

«São João Bosco não foi procurar os jovens em qualquer lugar distante ou especial; simplesmente aprendeu a olhar, a ver tudo o que acontecia em redor, na cidade, e a vê-lo com os olhos de Deus, ficando impressionado com as centenas de crianças e de jovens abandonados, sem escola, sem trabalho e sem a mão amiga duma comunidade. Havia muita gente que vivia naquela mesma cidade, e muitos criticavam aqueles jovens, mas não sabiam vê-los com os olhos de Deus. Os jovens, é preciso vê-los com os olhos de Deus. João Bosco fê-lo e animou-se a dar o primeiro passo: abraçar a vida como ela se apresenta; e, a partir disto, não teve medo de dar o segundo passo: criar com eles uma comunidade, uma família onde se sentissem amados com trabalho e estudo, ou seja, dar-lhes raízes a que agarrar-se para poderem chegar ao céu, para poderem ser alguém na sociedade. Dar-lhes raízes onde se agarrar para não ser derrubados pelo primeiro vento que vem. Isto fez São João Bosco, isto fizeram os santos, isto fazem as comunidades que sabem ver os jovens com os olhos de Deus»¹³³.

2.3. Pedagogia encarnada no mundo dos jovens

¹³² J. BOSCO, *Sistema preventivo na educação da juventude*, C 243.

¹³³ PAPA FRANCISCO, *Vigília Jornada Mundial da Juventude*, Panamá 26/01/2019, in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190126_panama-veglia-giovani.html, visitado 25/05/2020 às 16h20.

Ajudado por São José Cafasso que lhe diz «Vai, olha à tua volta»¹³⁴, Dom Bosco, recentemente ordenado sacerdote, apercebe-se da verdadeira e crua realidade dos jovens. É o tempo da plena revolução industrial, do êxodo rural para as grandes cidades; e, assim, descobre uma infinidade de misérias e problemas sociais. A visita às prisões de menores será algo que o marcará determinadamente: «É preciso impedir, custe o que custar, que aqueles rapazes mais jovens vão para a prisão»¹³⁵.

Dom Bosco propõe-nos, assim, uma atenção ao jovem, na dificuldade que ele tem; nos seus problemas e dificuldades. Para poder chegar ao coração dos jovens, Dom Bosco dizia «Gostar do que os jovens gostam, para que eles gostem do que nós gostamos»¹³⁶. Trata-se, por isso, de dar passos na empatia, de forma a poder estabelecer uma relação educativa unificada. É neste sentido que procura responder aos desafios sociais, humanos e espirituais do contexto em que vive, procurando sempre ver o positivo e o bom, que em cada situação e acontecimento encontra.

«A arte de educar de modo positivo, propondo o bem em experiências adequadas e concretas, capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens a partir de dentro, fazendo apelo à liberdade interior, contrariando os condicionamentos e formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens, para os estimular, com alegria e satisfação, para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro, por meio de uma sólida formação do caráter»¹³⁷.

A educação e o ato educativo devem, por isso, ter sempre o aluno no centro. Temos de ter o foco da missão bem determinado e claro.

¹³⁴ T. BOSCO, *São João Bosco, uma nova biografia*, Edições Salesianas, Porto, 2002, 95.

¹³⁵ *Ibidem*, 104.

¹³⁶ J. BOSCO, *Carta de Roma 1884*, C 249.

¹³⁷ PAPA JOAO PAULO II, Carta Apostólica, *Iuvenum Patris, por ocasião do centenário da morte de São João Bosco*, ACG 325, Roma, 1988, n.8.

2.4. Pedagogia com os jovens ao centro

Aos jovens marginais do seu tempo, D. Bosco propôs a possibilidade de experimentarem a vida como festa e a fé como felicidade. A música, o teatro, os passeios, o desporto, a alegria quotidiana do pátio¹³⁸, foram sempre pilares valorizados pelo Sistema educativo de Dom Bosco, chamado por ele de Sistema Preventivo. Uma forma de educar segundo o estilo de São João Bosco, que se baseia em três pilares: «Razão, religião e afeto»¹³⁹. Todas estas atividades e propostas suscitam numerosas energias de bem, que são orientadas para um compromisso de serviço e de caridade. Neste contexto, a festa nunca é manifestação de um vazio interior que procura compensações; nem é a tentativa de distrair a atenção da realidade, tantas vezes dura, da qual apetece fugir. É, em vez disso, ocasião para construir a amizade e desenvolver quanto de positivo existe nos jovens. Para D. Bosco, a fonte da alegria é a vida da graça, que compromete o jovem num difícil tirocínio de ascese e de bondade.

2.5. Pedagogia da festa e da alegria fundada nos sacramentos

O que salta à vista em Valdocco é a alegria, o otimismo e a esperança. D. Bosco é o santo da alegria. Os seus rapazes aprenderam tão bem a lição ao ponto de dizer que «a santidade consiste em estar muito alegres»¹⁴⁰.

¹³⁸ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir, não reprimir, o sistema preventivo de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2017, 297.

¹³⁹ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, Edições Salesianas, Porto 2012², 115.

¹⁴⁰ V. BOCCI, *Os Protagonistas, As Vidas de Miguel Magone, Francisco Besucco e Domingos Sávio*, Edições Salesianas, Porto, 2013, 92-93.

Inspirado por Santo Afonso Maria de Ligório, o intuito de Dom Bosco é conduzir os jovens pelo caminho da santidade simples, serena e alegre, unindo numa única experiência vital o pátio, o estudo sério e um constante sentido do dever (cf. C 45).

Uma das palavras mais usadas por Dom Bosco ao falar do educador e da educação é a palavra coração, ele diz que a Educação é questão de coração, e deste só Deus é o dono e o comandante. A nós educadores, Dom Bosco não se cansa de repetir a importância da «linguagem do coração»¹⁴¹. Assim, não se alcança este centro que move a vida humana, não se realizará qualquer conversão profunda e duradoura. Por isso, Dom Bosco repudia os castigos; ele insiste que é preciso «fazer-se amar antes que fazer-se temer»¹⁴². Em contacto com o Senhor ressuscitado, os jovens renovam um amor mais intenso pela vida. Em amizade com o Senhor ressuscitado, formam em si um “coração oratoriano”, que vibra com a força silenciosa, mas eficaz, do Espírito Santo. São João Bosco diz várias vezes e claramente:

«Não esqueçais, meus queridos jovens, que os dois mais fortes sustentáculos para vos manterdes e caminhardes pelo caminho do céu são os sacramentos da confissão e da comunhão. Por isso considerai como grande inimigo da vossa alma quem quer que tente afastar-vos destas duas práticas da nossa santa religião»¹⁴³.

3. Uma proposta pedagógico-espiritual segundo o espírito salesiano

Conhecer os jovens de hoje, ver o seu perfil, os seus sonhos, ideais e aspirações pode ajudar-nos a intuir caminhos, propostas, modalidades e experiências que os aproximem mais de Deus. Ao analisar o documento final do Sínodo, confrontando os dados estatísticos sobre a juventude, podemos comprovar que as intuições de Dom Bosco ainda são muito atuais,

¹⁴¹ J. BOSCO, *Sistema preventivo na educação da Juventude*, C 240.

¹⁴² P. BRAIDO, *Prevenir, não reprimir, o sistema preventivo de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2017, 311.

¹⁴³ J. BOSCO, *Ensinamentos de Vida Espiritual*, Edições Salesianas, Porto, 2014, 46-47.

essenciais e inspiradoras.

Vimos como a proposta de Dom Bosco nasceu da realidade dos jovens e continua, em muitos aspetos, em sintonia com a atual realidade juvenil. As situações vividas por Dom Bosco, em plena revolução industrial, são, em muitos casos, muito semelhantes aos problemas hodiernos. Não vivemos na época do êxodo rural, mas numa realidade com grandes fenómenos migratórios. Não assistimos a uma revolução técnica, mas a uma revolução digital e comunicacional.

Os desafios mundiais são novos e urge, por isso, inovar nos métodos e formas. Já o pedia o Papa João Paulo II, quando falava da nova evangelização (NMI 40). Podemos dizer, assim, que a proposta espiritual de Dom Bosco se torna transformadora de vida e proposta inovadora para os jovens de hoje.

3.1. Que se torna transformadora de vida

A proposta espiritual de Dom Bosco continua a tornar-se transformadora de vida, na medida em que, segundo Dom Bosco, a vida dos jovens seja acolhida como ela é, com as suas fragilidades e virtudes, fracassos e vitórias. E o educador deve encontrar forma de ajudá-los a caminhar, a crescer e a transformar a vida segundo os princípios do evangelho.

A proximidade, o encontro, o diálogo, a alegria, o desporto, a música, o teatro e variadas expressões da vida quotidiana do jovem são assumidas, ainda hoje, como válidos instrumentos para chegar à juventude; e, uma vez chegados junto dos jovens, tentar levá-los a outras paragens mais espirituais.

3.2. Que se torna proposta vocacional

A proposta pedagógico-espiritual de Dom Bosco procura que o jovem corresponda ao sonho que Deus tem para cada um de nós. Põe-nos numa dinâmica de diálogo entre o que Deus nos pede e o que cada um pode responder.

A espiritualidade de Dom Bosco é uma proposta de vida espiritual que põe em caminho, que exige resposta, compromisso, vida.

Dom Bosco repetia muitas vezes que «Deus pôs-nos no mundo para amar, servir a Deus e servir os outros» (C 52). Consciente que a vida é entrega, doação, serviço, a proposta espiritual de Dom Bosco não fica na estratosfera de belos pensamentos espirituais, mas procura viver a máxima beneditina: «*Ora et labora*», numa complementaridade entre ação e contemplação, que se torna proposta, que se faz vida, que exige resposta, adesão e compromisso.

4. Implicações pedagógicas à luz de uma pedagogia do encontro

Em forma de decálogo, sintetizo algumas convicções que nascem da prática pedagógica, da reflexão filosófica e teológica, da espiritualidade salesiana que nos mostram como a categoria do encontro nos ajuda a qualificar a educação, a vida, o crescimento das novas gerações. Trata-se de uma proposta aberta a todas as realidades educativas e pedagógicas. De escolas estatais ou privadas, católicas ou aconfessionais. Mais, trata-se de uma proposta aberta a outras plataformas relacionadas com educação, como no tempo livre, na arte, no desporto, na catequese e na família.

1. *A educação nunca é solitária*: É importante o trabalho em equipa, saber que fazemos parte de um corpo, saber que precisamos dos outros. Uma educação individualista é uma educação pobre. Como diz o provérbio africano: «para educar uma criança é preciso uma aldeia».

2. *A educação é obra de uma comunidade*: Formada por alunos, professores, famílias, entre outros agentes educativos. Saber-se educador é saber que fazemos parte de um corpo onde cada um tem uma missão. Onde a colaboração de todos é importante e onde é importante estar aberto a outras realidades, outras dificuldades. Sentir-se parte de um corpo, de uma comunidade.

3. *A educação tem por missão provocar*: Na escola há tanto a fazer, mais que tudo na educação, o professor é um provocador, um incentivador, um promotor de interesses, de encontros, de passos. Ajudar as pessoas a sonhar, a ir mais além. «Chamamos a *libido sciendi*, o desejo de conhecimento, a ânsia de compreender que está gravada no coração da humanidade»¹⁴⁴. Propor com alegria, beleza e convicção; professar com a mente, com o coração e com a vida; percorrer em companhia, compasso, compromisso¹⁴⁵.

4. *Educa-se só no respeito pela liberdade*: O encontro dá-se com mais facilidade e é mais verdadeiro se este se dá em liberdade.

«A educação, em cada momento, seja em contexto escolar ou social, é sempre uma relação, o encontro entre duas liberdades, duas liberdades que se olham face a face, olhos nos olhos. A experiência deste encontro é profundamente libertadora, mas não deixa de significar sempre exposição, vulnerabilidade e risco»¹⁴⁶.

Educar passa pela descoberta que a nossa atitude de educadores assenta mais na

¹⁴⁴ G. STEINER – C. LADJALI, *Elogio de la transmisión*, Siruela, Madrid, 2005, 173.

¹⁴⁵ Cf. A. MADUREIRA–A. G. LOPES, “Evangelização em meio escolar 3 verbos transitivos e 3 advérbios de modo”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 37-51

¹⁴⁶ J. AZEVEDO, “Perfis antropológicos a atingir no final da escolaridade. Ser humano tecnológico vs ser humano cultural. Contributos para uma perspetiva antropológica e sociocomunitária da educação”, *Pastoral Catequética* 23 (2013) 14.

proposta do que na tirania, que separa, divide e afasta os jovens.

5. *Educa-se melhor com boas relações*: Acompanhar, cuidar, aproximarmo-nos dos nossos colegas. A vida de um professor não pode ser só aulas, papéis e burocracias, ficando escravos e reféns de uma cultura técnica que apresenta apenas soluções funcionais. Mas a humanidade quer ir mais longe, quer descobrir o sentido e o fim de cada coisa e situação¹⁴⁷. Cuida os que estão ao teu lado e sentir-te-ás melhor.

6. *Educar exige contacto*: Não podemos nunca descuidar que a aprendizagem exige contacto, exige experiência, pois o ato educativo não é algo meramente intelectual e abstrato¹⁴⁸. De facto, a escola é uma encruzilhada, um lugar de encontros e desencontros¹⁴⁹. O encontro pressupõe afetos, toque, distanciamento, apropriação¹⁵⁰. E a nossa missão como educadores e testemunhas é que todos os alunos devem aprender como aprender¹⁵¹.

7. *Educação exige equilíbrio*: «Um ótimo método de regular a disciplina é-nos ensinado pelo Sol, o qual ministra às coisas que crescem: a) sempre, luz e calor; b) frequentemente, chuva e vento; c) raras vezes, raios e trovões, embora estas coisas tenham também a sua utilidade»¹⁵². Como em tudo, é preciso equilíbrio, os extremismos são perigosos, tal como as generalizações e as idealizações. A educação ensina-nos que precisamos estar permanentemente vigilantes. Diz o povo “nem oito nem oitenta”, assim devemos cuidar a nossa vida profissional.

8. *Educar exige saber comunicar*. Evitar duvidar e procurar comunicar sempre. Um professor deve cuidar a sua comunicação. Na verdade, a maior parte das dificuldades dos

¹⁴⁷ Cf. C. SÁ CARVALHO, “Uma certa fé – como creem os adolescentes”, *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012) 178.

¹⁴⁸ Cf. C. SÁ CARVALHO, “Pedagogia do Serviço – uma perspetiva de planificação e de implementação”, *Pastoral Catequética* 41 (2018) 49-130.

¹⁴⁹ Cf. N. BRÁS, “Até que Cristo seja formado em vós”, *Pastoral Catequética* 41 (2018) 23.

¹⁵⁰ Cf. C. SALGADO, *Ensaio sobre o Amor na Educação – Formar Pessoas, Ensinando*, Lucerna, Cascais, 2017.

¹⁵¹ Cf. R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008⁷, 17.

¹⁵² COMÊNIO, *Didáctica Magna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, 405.

alunos, ou recetores, depende em grande parte da capacidade de compreensão das mensagens. Como professores e mestres em comunicação, devemos ter em conta quatro cuidados: simplicidade, ordem, brevidade e estimulação suplementar¹⁵³. Para haver encontro, a comunicação é importante, diria é fundamental; por isso, é importante não se inibir de fazer, dizer, pensar o que achamos, dar o nosso contributo, ouvir e participar.

9. *Educar exige pessoas crentes*. Sendo ou não crente, é importante ser-se uma pessoa de fé: a opção educativa é um ato de fé em valores e, por isso, desperta o desejo de transformar os outros¹⁵⁴. No ato educativo, na missão de professor, o «ensinar e aprender, supõe sustos, esforços, sacrifícios de toda a natureza. É necessário que aquilo que se ensina valha a pena e seja reconhecido como socialmente útil»¹⁵⁵. É importante confiar nos alunos, nas pessoas, nos colegas. As pessoas desconfiadas e pessimistas não promovem o verdadeiro encontro, não se enganam tanto, mas também não vão longe.

10. *Educar exige bons profissionais*. Apostemos mais nos professores: «Não pode haver desenvolvimento de currículo sem desenvolvimento do professor, e quanto mais responsabilidade se der aos professores pelo desenvolvimento do currículo, mais importante será dar-lhes toda a espécie de apoio»¹⁵⁶. Precisamos de professores de qualidade, professores felizes, professores que irradiem alegria¹⁵⁷. Recordando sempre que um professor é um artesão, um artista¹⁵⁸, que silenciosamente, ano após ano, luta por construir uma obra de arte tão valiosa que nunca se lhe reconhecerá o preço. Cuidemos da nossa formação, é importante atualizarmo-nos, estudar, adequarmo-nos aos tempos, aos alunos, às realidades. Para haver encontro, temos de sair de nós próprios.

¹⁵³ M. ZABALZA, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto 1987, 168.

¹⁵⁴ M. POSTIC, *A relação pedagógica*, Padrões culturais editora, Lisboa, 2008, 26.

¹⁵⁵ *Ibidem*, 26.

¹⁵⁶ J.A. PACHECO, *Currículo: teoria e prática*, Porto Editora, Porto, 2001, 48.

¹⁵⁷ Cf. G. SNYDERS, *A alegria na Escola*, Ed. Manole LTDA, São Paulo, 1988.

¹⁵⁸ Cf. J.A. PACHECO, *Currículo: teoria e prática*, Porto Editora, Porto, 2001, 49.

CONCLUSÃO

A apresentação do relatório final da PES é o culminar de uma experiência muito enriquecedora e oportunidade única de síntese, reflexão, confronto, que nos ajuda a crescer e amadurecer como profissionais da educação neste campo das Ciências Religiosas.

O meu percurso como educador começou cedo como jovem animador, catequista. Com vinte e um anos comecei a lecionar em escolas, tanto a alunos do primeiro ciclo, como segundo ciclo e terceiro ciclo. As experiências foram variadas, tanto em ambientes rurais, como grandes cidades; tanto no ensino público como privado. Estas experiências e diferentes etapas da vida foram ajudando a crescer, aprender, mas sobretudo ajudaram a ganhar o gosto por uma missão educativa que para um salesiano diz-se que é Educar e Evangelizar.

Ora, estou convencido que na disciplina de EMRC se encontra esta síntese de vida e ação. Neste contexto, surge o desafio e oportunidade do mestrado em Ciências Religiosas; podia ter sido em Filosofia, faltou pouco, mas acredito que a opção pelas Ciências Religiosas foi uma mais valia para aprender, refletir, conhecer, partilhar com tantos colegas, alunos, professores e orientadores de estágio dinâmicas, técnicas e maneiras para o crescimento e melhoria da minha prática educativa. Olhando em retrospectiva, estou convencido que foi uma excelente oportunidade para desenvolver novas e melhores práticas pedagógicas, nomeadamente no âmbito da planificação, da avaliação, da utilização de estratégias e práticas pedagógicas adaptadas aos tempos de hoje e às finalidades desta disciplina.

Sem dúvida, o trabalho de reflexão, planificação, confronto em equipa ajudou a abrir

horizontes, a valorizar mais muitos aspetos da prática pedagógica. A oportunidade de estar, conhecer, participar em tantas atividades da Escola Damião de Góis e no Agrupamento de Escolas Dom Dinis foi algo que valorizei muito, e retenho como muito positivo. Coisas simples como o poder estar, partilhar, conhecer o mundo da escola pública, os seus desafios e problemas são elementos que me ajudaram a refletir e valorizar no meu dia a dia tantas outras oportunidades que tenho. As visitas de estudo que fizemos, os diferentes dias de EMRC no Agrupamento de Escolas, as aulas semanais, o trabalho em equipa com os professores, auxiliares, psicólogos, técnicos educativos. Posso dizer que o trabalho da PES na escola Damião de Góis foi por tudo isto marcante e maravilhoso. Poder tocar, encontrar, recordar, sonhar com uma realidade tão genuína e autêntica de trabalho entre os mais pobres, numa missão educativa exigente, entusiasmante e inesquecível.

Este olhar retrospectivo ajuda a recordar e valorizar a beleza do caminho realizado. Surge também a gratidão e a memória feliz de uma experiência que deixou marcas. Recordar tantas coisas bonitas, tantas aprendizagens, tanta abertura de horizontes. Nomeadamente a força de uma equipa de trabalho, dos amigos, dos alunos que encontrei.

O tema que me foi sugerido aprofundar, a “Pessoa Humana”, parte da primeira Unidade Letiva lecionada numas turmas do sexto ano. Dessa unidade nasceu a intuição de reforçar e cuidar a centralidade das relações e dos encontros na nossa vida, partindo dos fundamentos que nos são propostos pela Filosofia e pela Teologia, de modo a poder aplicar-se algo novo na ação educativa.

1. Deus é mestre em pedagogia

Revisitar a história da salvação e a Teologia fizeram redescobrir que o fio de ouro que acompanha toda a humanidade é a fidelidade de Deus que procura incessantemente a Humanidade¹⁵⁹. Toda a Sagrada Escritura é mestra da vida. Desde o Génesis, passando pelos profetas, aos livros históricos, aos livros sapienciais mostram-nos que a dinâmica de Deus é sempre muito igual. Deus não desiste de vir ao nosso encontro.

Olhando a história, olhando para Bíblia, descobrimos traços da pedagogia deste Deus que nos quer salvar e revela a sua identidade. Lendo o Êxodo, descobrimos traços do amor solícito e educativo de Deus. O Educador, tal como Deus, observa a realidade, deixa-se comover pelas solicitações de cada dia (Ex 3, 7-9) e prepara um plano de intervenção (Ex 3, 9b - 4,19). Apresenta-se como é: eu sou aquele que sou (Ex 3, 14-15).

Educar requiere esta implicação afetiva de todo o eu da pessoa. Educar é partilhar, para promover a salvação do outro; uma missão partilhada por uma comunidade, não deve ser um processo individual. Educar é uma missão paternal. É preciso reconhecer nos destinatários filhos que amamos e aos quais queremos o melhor. Educar é tirar para fora, trazer, descobrir novas coisas, sair dos Egiptos que aprisionam e forçam a fechar. Educar é trazer ao deserto árido, duro e difícil que é caminho para a entrada na terra da promessa, uma terra onde corre leite e mel. Educar é um processo longo e de provação. Requer provas, tempo, passos. O Êxodo recorda-nos que: «O Deus que vive para salvar, não salva sem educar»¹⁶⁰.

No Evangelho, Jesus mostra-se mestre de encontros, modelo de educador¹⁶¹. Um Jesus

¹⁵⁹ Cf. A.M. CÀNOPI, *Dio, amico dell'uomo. Il vangelo della fedeltà*, Paoline, Milano, 2014, 9.

¹⁶⁰ J. J. BARTOLOMÉ, *Cómo nos educa Dios. Notas de pedagogia divina*, CCS, Madrid, 2017, 28-30.

¹⁶¹ Cf. X. PIKAZA, *Jesús educador*, Khaf, Madrid, 2017.

que quer estar connosco. Aos discípulos o convite inicial é somente estar com Ele (Mc 1, 17). Ser discípulo de Jesus consiste em conviver com ele de forma estável (Mc 1, 18. 20; 2, 14; 8, 34; 10, 21.28; 15, 41). Sabemos que nem sempre os escolhidos são os melhores, mas são sempre os seus escolhidos (Mc 2, 17). Estes estarão com ele, seguem-no, são apresentados como sua família (Mc 3, 31-35), farão prodígios. Estes são escolhidos, chamados, acolhidos, instruídos e enviados. A sua formação é no caminho e um caminho¹⁶². Jesus torna-se, assim, mestre do encontro, do toque, do cuidado, da personalização. E «só quem foi tocado, acariciado pela ternura da misericórdia, conhece realmente o Senhor»¹⁶³. Pode dizer-se que o grau de sensibilidade que tenhamos para advertir e compadecermos dos sofrimentos dos outros mede o grau da nossa própria humanidade¹⁶⁴.

A pandemia e todo o surto da Covid-19 ensinou-nos a valorizar o encontro. Sabemos que precisamos do outro, do toque, da proximidade. A ternura e a compaixão são uma qualidade constitutiva e irrenunciável do ser e do atuar da humanidade¹⁶⁵. Não estamos sozinhos e não podemos viver sozinhos.

2. Educar exige encontro

Definitivamente, e cada vez mais, estou convencido que a escola é sobretudo lugar de encontro com o outro, com o saber, com a vida, com o diferente, com as escolhas. Nunca como hoje os alunos tiveram tantas saudades e necessidade da escola, não pelas aulas, nem

¹⁶² Cf. J. J. BARTOLOMÉ, *Cómo nos educa Dios. Notas de pedagogia divina*, CCS, Madrid, 2017, 50-54.

¹⁶³ PAPA FRANCISCO, *El nombre de Dios es misericordia. Una conversación con Andrea Tornelli*, Planeta, México, 2016, 53.

¹⁶⁴ Cf. A. HESCHEL, *Chi è l'uomo?* Rusconi, Milano, 1976, 71-72.

¹⁶⁵ Cf. C. ROCHETTA, *Teologia della Tenerezza. Un "vangelo" da riscoprire*, EDB, Bologna, 2000, 105.

pelos exercícios de avaliação, mas por este ser lugar de socialização e encontro, de amizade e experiência, de laboratório e confronto. Se há um ano atrás surgiam experiências e modas de ensino doméstico, hoje as famílias e os alunos redescobriram o valor e a importância que a escola tem na vida e no crescimento das crianças, adolescentes e jovens. Por esta razão, a escola é um lugar de encontros significativos¹⁶⁶, visto ser nela que «nós socializamos, encontramos pessoas diferentes de nós, diversas por idade, cultura, origem, capacidade»¹⁶⁷.

A escola é aquela plataforma de encontro diário que se faz acompanhamento próximo, às vezes anos e vidas. Com frequência escutamos que a escola é a nossa segunda casa. E é trabalhando na certeza de que a escola é determinante na vida e crescimento dos mais novos que a nossa responsabilidade cresce. É na escola que surgem as grandes amizades, que tantas vezes perduram décadas; é na escola que aprendemos a conhecer o mundo, a história e a vida.

Para mim, sabe a pouco quando se diz que «educar é receber os conhecimentos de uma comunidade, interpretar o quotidiano e projetar o futuro pessoal e social»¹⁶⁸. Nesse sentido, gosto de pensar a visão de C. Moreira quando diz que:

«A escola, enquanto instituição formal de educação, não pode ter do Homem uma visão redutora, mas uma atitude de acolhimento de todas as vertentes que informem a construção do Homem integral. O regresso à cultura supõe reencontrar o Homem cultural, o mesmo é dizer, o Homem poético e artífice, e não meramente o Homem especializado e estandardizado, capaz de jogar a vida e chegar até onde for possível»¹⁶⁹.

Somos herdeiros de uma mentalidade industrial e corremos o risco de fazer da escola uma indústria em série. Mas a educação artística que exige o cuidado de cada peça, como única e irrepetível, é trabalho de coração a coração, de encontro pessoal e único; de como

¹⁶⁶ Cf. C. SALGADO, *Ensaio sobre o Amor na Educação – Formar pessoas, ensinando*, Lucerna, Cascais, 2017.

¹⁶⁷ PAPA FRANCISCO, *Discurso aos estudantes e professores das escolas Italianas* (10 de maio 2014), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html, visitado 25/05/2020, às 10h30.

¹⁶⁸ F. MOITA, “A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 54.

¹⁶⁹ C. M. M. MOREIRA, “O Ensino Escolar da Religião e a Finalidade Cultural da Educação”, *Humanística e Teologia* 1 (2013) 214.

artista aprender a colher o melhor de cada jovem e procurar potencializar esses dons, essa vida.

Há quem, como Ivan Illich, arrisque a propor “desinstalar” a escola porque esta escolariza para confundir o processo com a substância¹⁷⁰. Eu acredito na extrema importância da educação, da escola, do educador e da própria disciplina de EMRC.

Para mim, educar é estar ao lado do aluno e ajudá-lo a crescer. Sem ignorar a cultura em que vivem, a influência da família, e a importância que a própria escola tem nas suas vidas. Para tudo isto precisamos professores maduros¹⁷¹. Assim, é o aluno que tem de crescer; mas a nós cabe a responsabilidade e missão de ajudar, orientar, propor, sugerir, acompanhar para que o próprio descubra, opte e faça com determinação e empenho o seu caminho. É neste contexto, em modo de síntese pessoal e conclusão, que me arrisco a enumerar algumas convicções pessoais para que os processos educativos sejam transformadores de vida. Exposto isto, para mim educar exige:

1. - Sinceridade e confiança para caminhar juntos. Sem verdade e fidelidade o caminho de educação torna-se lento, pesado e vai perdendo o gosto.
2. - Cordialidade e proximidade. Coração, amor, carinho e afeto que nasce de uma relação educativa que quer promover o bem do outro.
3. – Naturalidade, encontro espontâneo e gratuito com o aluno. Na relação educativa o foco deve ser o bem do aluno, querendo o melhor para ele.
4. - Responsabilizar o outro. Fazer perceber a importância do que se ensina de forma que não tenha de ser imposto, mas proposto, e seja captado como algo amado e, por isso, algo importante.
5. - Presença apaixonada e livre. É dinâmica do amor que está, que se dá, que serve sem

¹⁷⁰ Cf. I. ILLICH, *Sociedade sem Escolas*, Vozes, Petrópolis, 1973, 21.

¹⁷¹ Cf. C. SÁ CARVALHO, “A construção da identidade na adolescência”, *Pastoral Catequética* 42-43 (2018-2019) 176.

esperar nada em troca e sem criar dependências.

6. - Criatividade. O educador deve ser capaz de tornar as coisas novas, atuais, só assim despertam interesse, captam a atenção para aprender com entusiasmo.

7. - Encontrar, escutar e acreditar. Só assim será reconhecida uma autoridade que surge do amor que com responsabilidade e profissionalismo dá o melhor de si.

Uma proposta que exige determinação, mudança permanente e compromisso, capaz de ativar uma mudança que nos torne aptos a: parar, visualizar, diagnosticar, equipar, aliar, surpreender, planificar, confiar, comunicar, envolver, apaixonar-se, contagiar, sonhar, criar, reconsiderar, transformar, arriscar, disfrutar, avaliar e imaginar¹⁷².

3. Educar é questão de coração

Diz-se que Dom Bosco é o génio da educação com coração¹⁷³. Ele faz assentar a sua proposta educativa sob a forma da presença e da proximidade assídua e contínua¹⁷⁴. Para Dom Bosco, o educador é equiparado aos pais amorosos que falam, guiam em todas as circunstâncias, aconselham e corrigem com amabilidade¹⁷⁵. Pois para que a educação seja autêntica e eficaz é preciso superar a barreira da desconfiança e viver na proximidade do amor¹⁷⁶.

Dom Bosco tem uma convicção, que nasce da sua experiência educativa, e que nos

¹⁷² Cf. X. ARAGAY, *Reimaginando la educación, 21 claves para transformar la escuela*, Paidós Educación, Barcelona, 2017.

¹⁷³ Cf. A. EXPÓSITO, *Dom Bosco hoje, Entrevista ao Pe. Ángel Fernandes Artime décimo sucessor de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2015, 99.

¹⁷⁴ Cf. MB III, 119.

¹⁷⁵ Cf. A. EXPÓSITO, *Dom Bosco hoje, Entrevista ao Pe. Ángel Fernandes Artime décimo sucessor de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2015, 99.

¹⁷⁶ Cf. J. BOSCO, *Carta de Roma*, C 249.

deixa na carta de Roma, o seu testamento educativo-espiritual. Uma carta escrita desde uma das suas muitas viagens a Roma, a quando da fundação da Congregação Salesiana. Nela, ele entrega-nos uma verdade educativa que a todos envolve neste encontro e nesta dádiva generosa:

«Quem sabe que é amado ama, e quem é amado obtém tudo especialmente dos jovens. Esta confiança estabelece uma corrente elétrica entre alunos e educadores»¹⁷⁷.

Não ao acaso, Dom Bosco começa a obra salesiana com um oratório. Não foi uma paróquia, nem uma escola ou um seminário. O oratório quer ser, sobretudo, uma estrutura de acolhimento gratuito e próximo dos jovens. Como se dissesse: quero estar convosco, quero acolher, quero ouvir, quero ajudar, quero ser para vós presença e sinal de algo maior para vós¹⁷⁸.

Em Valdocco, inicia uma experiência pedagógica-espiritual que lhe dá o nome de sistema preventivo: «dois são os sistemas de educação: repressivo e preventivo. O primeiro prefere educar pela força, punição, repressão; o segundo procura educar com a doçura, e por isso ajuda suavemente a observar o regulamento procurando pôr no coração dos jovens o santo temor de Deus, amor à virtude e horror ao vício» (FS 148).

Só assim se percebe a mudança de paradigma educativo que toda esta experiência traz. Estabeleceu no regulamento e não se cansava de repetir aos jovens: «ampla possibilidade de saltar, correr, jogar, música, teatro, declamações, rir à vontade, passeios: são os meios eficazes para obter a disciplina, obter a moralidade e a santidade. Como dizia São Filipe de Neri: “basta-me que não pequeis!”» (FS 151). Tudo era permitido, mas, contudo, prevenir que alguns perigos fossem absolutamente evitados: «Fuga do ócio, fuga das más companhias, evitar más conversas e em tudo fazer o bem» (FS 184).

¹⁷⁷ *Ibidem*, 250.

¹⁷⁸ Cf. A. EXPÓSITO, *Dom Bosco hoje, Entrevista ao Pe. Ángel Fernandes Artime décimo sucessor de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2015, 106.

Se a proposta educativa de Dom Bosco tem como certeza que «a vitória do educador é ganhar o coração»¹⁷⁹, torna-se claro o porquê de São Francisco de Sales, santo da doçura e da bondade, ser o patrono desta família. Na verdade, também em Dom Bosco «A sua doçura era habitual. Esta era o fundamento do seu sistema, pois estava convencido que só a bondade abria os corações» (MB III, 115-117). Deste modo, procurou viver e educar desde a proximidade. «Procure o educador fazer-se amar mais que temer»¹⁸⁰. Foi esta a frase que segredou ao seu primeiro sucessor e que todos os salesianos levam escrita na cruz que recebem na profissão perpétua.

O Capítulo Geral 28 dos Salesianos de Dom Bosco, que decorreu em Turim há poucos meses, veio reforçar de novo estas convicções educativas de proximidade e encontro. O próprio Papa Francisco, na sua mensagem aos capitulares salesianos¹⁸¹, convidada a recuperar e não esquecer a opção por Valdocco, pelo oratório, pela presença, pela amizade, pelo encontro. Um convite a cultivar na dinâmica da sinodalidade e do protagonismo juvenil, que nada mais é que promover uma cultura do encontro¹⁸², numa tónica de fraternidade universal¹⁸³, com um renovado convite a estar e a promover um novo pacto educativo¹⁸⁴, conscientes que o Mundo em mudança precisa de encontrar-se¹⁸⁵.

¹⁷⁹ J. BOSCO, *Sistema preventivo na educação da Juventude*, C 239.

¹⁸⁰ *Ibidem*, 243.

¹⁸¹ Cf. PAPA FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco aos participantes do capítulo geral dos Salesianos* (4 março 2020), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200304_messaggio-salesiani-valdocco.html, visitado a 25/05/2020, às 01h10.

¹⁸² Cf. PAPA FRANCISCO, *Por uma cultura do encontro, Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta* (13 setembro 2016), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html, visitado a 25/05/2020, às 16h10.

¹⁸³ Cf. PAPA FRANCISCO E AHMAD AL-TAYYEB, *A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (4 fevereiro 2019), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html, visitado a 25/05/2020, às 11h15.

¹⁸⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto educativo* (12 setembro 2019), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html, visitado a 25/05/2020, às 14h15.

¹⁸⁵ Cf. PAPA FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco aos Membros do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de ano novo* (5 janeiro 2020), in

Detendo-nos nas palavras do Papa com um pouco de mais atenção, percebemos como o seu próprio ministério tem sido vivido nesta lógica do encontro. Desde a primeira e emblemática viagem apostólica a Lampedusa, às ordinárias visitas apostólicas aos diferentes países, de preferência distantes e não habituais, que mais não querem do que promover o encontro. Ou pensemos em toda a ação diplomática da Santa Sé, onde facilmente se percebe que os diferentes encontros promovidos,¹⁸⁶ sejam com chefes de estado, líderes religiosos, grupos profissionais, todos têm uma mensagem constante indicando-nos que “ninguém se salva sozinho” e “sozinhos afundamos”¹⁸⁷. Mais do que construir muros, é tempo de construir pontes (Cf. EG 67).

4. A EMRC uma disciplina promotora do encontro

Jesus é o homem dos encontros. No evangelho encontramos várias pessoas que querem apenas curas e milagres. Mas Jesus quer encontrar as pessoas no meio da multidão e pergunta «Quem me tocou?» (Lc 8, 46). Jesus quer olhar nos olhos. Jesus não quer só curar-nos, quer relacionar-se connosco¹⁸⁸.

Se no princípio de tudo há sempre um outro, não nos podemos iludir, as coisas não se iniciam unicamente em nós. Nós não vivemos isolados. Nascemos junto a alguém, de dentro

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/january/documents/papa-francesco_20200109_corpo-diplomatico.html, visitado a 25/05/2020, às 01h25.

¹⁸⁶ Cf. PAPA FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial do migrante e do refugiado 2018, “Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os refugiados”* (14 janeiro 2018), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html, visitado a 25/05/2020, às 16h20.

¹⁸⁷ PAPA FRANCISCO, *Bênção “urbi et orbi”, momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*, Vaticano (27 março 2020), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html, visitado dia 25/05/2020, às 12h40.

¹⁸⁸ Cf. L. M. EPICOCO, *Qualcuno a cui guardare, per una spiritualità della testimonianza*, Città Nuova, Roma, 2019, 102-120.

de alguém, e vivemos sempre instintivamente procurando estes encontros. Perdemos um cordão umbilical, mas prolongamos um cordão relacional não centrado no umbigo¹⁸⁹. Sozinhos não podemos ser felizes. Sozinhos não podemos sorrir, não podemos jogar, não há arte, não há escola, somos anti-homens¹⁹⁰. Ainda assim, hoje vivemos paradoxalmente mais sós, ainda que tenhamos a ilusão de estar juntos. Globalização não é sinónimo de proximidade¹⁹¹. No fundo, sabemos que temos mais necessidade de amigos do que de pão¹⁹². Se o adolescente se olha a si mesmo no espelho todo o dia, o adulto é aquele que é capaz de olhar fora de si e capaz de doar-se¹⁹³. De facto, quando o amor está ausente, a nossa vitalidade hiberna¹⁹⁴.

«Face aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. [...] a Comissão [Internacional sobre Educação para o Século XXI], pois, faz questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo tanto das pessoas como das sociedades»¹⁹⁵.

A disciplina de EMRC tem aqui um importante contributo a dar no processo de aquisição de competências dos alunos¹⁹⁶. Sabemos que a estrutura do seu Programa e a sua identidade pedagógica assentam, não ao acaso, nos quatro pilares propostos pelo relatório da UNESCO¹⁹⁷: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

Acredito que a disciplina de EMRC está alinhada com a conceção de Delors, onde se afirma que a educação é um fator de coesão, se estiver atenta à diversidade dos indivíduos e

¹⁸⁹ Cf. L. M. EPICOCO, *Solo i malati guariscono*, San Paolo, Milano 2016, 23.

¹⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 24.

¹⁹¹ Cf. *Ibidem*, 25.

¹⁹² Cf. *Ibidem*, 30.

¹⁹³ Cf. R. VOILLAUME, *Lettres aus Fraternités III*, Cerf, Paris, 1966, 178.

¹⁹⁴ Cf. J. T. MENDONÇA, *Uma beleza que nos pertence, aforismos*, Quetzal, Lisboa, 2019, 23.

¹⁹⁵ J. DELORS, *Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, Edições ASA, Porto, 1996, 11.

¹⁹⁶ Cf. C. SÁ CARVALHO, “Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, Edição 2014”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 29-61.

¹⁹⁷ Cf. J. DELORS, *Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, Edições ASA, Porto, 1996, 77-78.

dos grupos humanos¹⁹⁸. Conscientes de que para educar é importante fazermos-nos ajudar das diferentes ciências e saberes. Na escola articulamos com os diferentes grupos disciplinares, com os gabinetes de apoio ao aluno, às famílias, com os psicólogos¹⁹⁹? Educar é ir ao encontro do outro, abrir-se, ajudar, tocar. A disciplina de EMRC tem na escola um papel essencial, na medida em que aproxima, escuta, toca, ajuda de forma muito mais próxima os alunos e toda a comunidade. «Um perigo na educação, que leva a viver à defensiva e num sistema não preventivo é a falta de familiaridade. A familiaridade do educador que é tudo para todos»²⁰⁰. Conscientes da nossa importante missão, como educadores da fé no mundo, devemos crescer na habilidade de provocar a alegria, a felicidade do aluno, de forma que, com o contributo da nossa disciplina na escola, se possa ganhar o gosto pela ciência, pela cultura, pelo conhecimento²⁰¹, pelo outro e pela vida.

Deus quis nascer e viver numa terra de encruzilhada, numa ponte entre vários continentes, culturas, línguas, povos. Mesmo quase a dizer-nos que quer que toda a Humanidade se encontre. Ao olhar a nossa história, vemos que a nossa grandeza, o nosso auge histórico, foi a capacidade de criar pontes, vencer limites, ir ao encontro de inúmeros povos, culturas e homens. Hoje o desafio persiste. Acolhemos todos os dias, em Portugal e nas nossas escolas, tantos imigrantes, turistas, eventos.

Como educadores precisamos abrir o coração²⁰² e acolher em verdade os alunos que nos são confiados na quotidianidade da vida, de modo que possamos ser para eles educadores significativos, professores que os abram a horizontes do bem, da bondade e da beleza. A

¹⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 51.

¹⁹⁹ Cf. C. SÁ CARVALHO, “A construção da identidade na adolescência”, *Pastoral Catequética* 42-43 (2018-2019) 176.

²⁰⁰ J. BOSCO, *Carta de Roma*, C 251.

²⁰¹ Cf. C. M. M. MOREIRA, “O ensino escolar da religião e a finalidade cultural da educação”, *Humanística e teologia* 34 (2013) 179-214.

²⁰² Cf. C. SALGADO, *Ensaio sobre o Amor na Educação – Formar Pessoas, Ensinando*, Lucerna, Cascais, 2017.

nossa disciplina continuará a ser importante se não desistir de ser uma proposta exigente, que eleva acima da banalidade quotidiana e é capaz de admirar e apreciar as maiores realizações culturais e humanas²⁰³, sabendo que não podemos eternizar as diferentes etapas e processos que os alunos vivem, não podemos queimar etapas propondo entretenimento indiferenciado e banal. A nossa meta como educadores cristãos, no mundo da escola e da cultura é promover o desenvolvimento humano integral e conduzi-los à maturidade serena, equilibrada e feliz²⁰⁴.

5. O Encontro, um desafio permanente

Estamos num tempo novo! Como diz M. Rupnik²⁰⁵, o tempo do "pensamento crítico" que caracterizou os vários séculos terminou e, portanto, quando parecia útil anunciar a fé, agora a prioridade é outra. O fim da era pós-moderna é marcado pelo individualismo e por uma fragmentação generalizada, que também afeta as comunidades. A Igreja das grandes estruturas, dos grandes edifícios, dos grandes projetos tem de acordar para a realidade de um novo tempo que sugere e obriga a mais e melhor proximidade, a um testemunho concreto de vida e ação.

A Igreja corre o risco de tornar-se distante e inacessível por perder o interesse e atração, no dia-a-dia das pessoas de hoje. Não podemos viver num mundo paralelo ao Mundo. É hora de focar-se no essencial e não nos detalhes. O idealismo de um lado, o perfeccionismo do outro, são perigos eminentes. Surge eternamente a questão: feito ou perfeito? As estruturas ou

²⁰³ Cf. J. M. DUQUE, "Sobre a Educação Integral do Ser Humano", *Pastoral Catequética* 26 (2013) 19.

²⁰⁴ Cf. C. SÁ CARVALHO, "A construção da identidade na adolescência", *Pastoral Catequética* 42-43 (2018-2019) 177.

²⁰⁵ Cf. M. I. RUPNIK, *Secondo lo Spirito. La teologia spirituale in cammino con la Chiesa di Papa Francesco*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2017.

as pessoas?

No Samaritano do evangelho percebemos que o amor de Deus está na relação entre pessoas²⁰⁶. O que a Igreja precisa hoje é de estar atenta à capacidade de curar feridas e aquecer o coração das pessoas com proximidade. Uma Igreja, ao jeito do Papa Francisco, que seja hospital de campanha, que acolhe de portas abertas e vai ao encontro de novos caminhos, indo ao encontro, saindo de si mesma²⁰⁷. Precisamos de uma revolução da ternura, de comunhão e encontro. Uma ação pastoral onde se promova o encontro com Jesus e com a Comunidade. É tempo de convencer-se que a proximidade cria comunhão e pertença, torna possível o encontro. Só a proximidade torna possível o autêntico diálogo e cria uma verdadeira cultura do encontro²⁰⁸.

²⁰⁶ Cf. I. ILLICH, *I fiumi a nord del futuro*. Testamento raccolto da David Cayley, Quodlibet, Macerata, 2013, 205

²⁰⁷ Cf. A. SPADARO, “Intervista a Papa Francesco”, *Civiltà Cattolica* 3(2013) 449-477.

²⁰⁸ Cf. PAPA FRANCISCO, *Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião das XXVIII Jornadas Mundiais da Juventude, Encontro com os bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-americano – Celam* (28 Julho 2013), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html, visitado 25/05/2020, às 16h26.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Bíblicas

Bíblia sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa, 2008.

2. Fontes Patrísticas

MIGNE, J. P. (Coord.), *Patrologiae cursus completus*, Series Graeca, 161 vol., Paris 1857-1945.

3. Dicionários

BARBAGLIO, G. – BOF, G. – DIANICH, S. (Coord.), *Teologia*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 2002.

FERRATER MORA, J., *Diccionario de filosofia*, Alianza Editorial, Madrid, 1982.

GEVAERT, J. (Coord.), *Dizionario di Catechetica*, LDC, Leumann, 1986.

LATOURELLE, R. – FISICHELLA, R. – PIÉ-NINOT, S. (Coord.), *Diccionario de Teología Fundamental*, San Pablo, Madrid, 1992³.

MIDALI, M. – TONELLI, R. (Coord.), *Dizionario di Pastorale Giovanile*, LDC, Leumann 1992².

PACOMIO, L. (Coord.), *Dizionario Teologico Enciclopedico*, Piemme, Casale Monferrato, 2004⁴.

ROSSANO, P. – RAVASI, G. – GIRLANDA, A. (Coord.), *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 1988.

SARTORE, D. – TRIACCA, A.M. – CANALS, J.M. (Coord.), *Nuevo Diccionario de Liturgia*, Paulinas, Madrid, 1987.

SODI, M. – TRIACCA, A.M. (Coord.), *Dizionario di Omiletica*, LDC - Velar, Leumann – Gorle, 1998.

4. Magistério da Igreja

BENTO XVI, PAPA, Carta Encíclica, *Caritas in Veritate* (29 junho de 2009), AAS 101

(2009) 641-709.

BENTO XVI, PAPA, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura* (8 março 2008), AAS 100 (2008) 245-248.

BENTO XVI, PAPA, Carta Encíclica, *Deus caritas est* (25 dezembro 2005), AAS 98/3 (2006) 217-252.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II, Decreto, *Ad Gentes* (7 dezembro 1965), AAS 58 (1966) 947-990.

CONCÍLIO VATICANO II, Declaração, *Dignitatis Humanae* (7 dezembro 1965), AAS 58 (1966) 929-941.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes* (7 dezembro 1965), AAS 58 (1966) 1025-1120.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, *Dei Verbum* (18 novembro 1965), AAS 58 (1966) 817-836.

CONCÍLIO VATICANO II, Declaração, *Gravissimum Educationis* (28 outubro 1965), AAS 58 (1966) 728-739.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, *Lumen Gentium* (21 novembro 1964), AAS 57 (1965) 5-75.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Conciliar, *Sacrosanctum Concilium* (4 dezembro 1963), AAS 56 (1964) 97-138.

CONCÍLIO VATICANO II, Decreto, *Unitatis Redintegratio* (21 novembro 1964), AAS 57 (1965) 90-112.

CONCORDATA ENTRE A REPÚBLICA PORTUGUESA E A SANTA SÉ EM 2004, in

http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/concordata_santa_se.pdf, visitado a 25/05/2020, às 10h59.

- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Carta Pastoral, a Escola em Portugal, Educação integral da Pessoa humana”, *Pastoral Catequética* 14 (2009) 9-22.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 7-16.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Sobre a Educação, direito e dever, missão Nobre ao serviço de todos*, Secretariado-Geral do Episcopado, Lisboa, 2002.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta circular aos presidentes das conferências episcopais sobre o ensino da religião na escola* (05 maio 2009), in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20090505_circ-insegn-relig_po.html, visitado a 25/05/2020, às 15h03.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Dimensão religiosa na Educação na Escola Católica* (7 abril 1988), in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html, visitado a 25/05/2020, às 10h57.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral para a catequese* (15 agosto 1997), in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html, visitado a 25/05/2020, às 10h58.
- DENZINGER, H. – HÜNERMANN, P. (Coord.), *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Edizione bilingue, EDB, Bologna 2001.
- FRANCISCO, PAPA, *Bênção "urbi et orbi", momento extraordinário de oração em tempo de epidemia* (27 março 2020), in <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa->

[francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messaggi/2020/03/20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html), visitado dia 25/05/2020, às 12h40.

FRANCISCO, PAPA, *Mensagem do Papa Francisco aos participantes do capítulo geral dos Salesianos* (4 março 2020), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200304_messaggio-salesiani-valdocco.html, visitado a 25/05/2020, às 01h10.

FRANCISCO, PAPA, *Discurso do Papa Francisco aos Membros do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de ano novo* (5 janeiro 2020), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/january/documents/papa-francesco_20200109_corpo-diplomatico.html, visitado a 25/05/2020, às 10h25.

FRANCISCO, PAPA, *Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto educativo* (12 setembro 2019), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html, visitado a 25/05/2020, às 10h15.

FRANCISCO, PAPA, Exortação Pós-sinodal, *Christus Vivit* (25 março 2019), Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2019.

FRANCISCO, PAPA E AHMAD AL-TAYYEB, *A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (Abu Dabhi, 04 fevereiro 2019), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html, visitado a 25/05/2020, às 01h15.

FRANCISCO, PAPA, *Vigília Jornada Mundial da Juventude* (Panamá 26 janeiro 2019), in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190126_panama-veglia-giovani.html, visitado dia 24/05/2020, às 23h20.

FRANCISCO, PAPA, Exortação Apostólica, *Gaudete et Exultate* (19 março 2018), Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2018.

FRANCISCO, PAPA, *Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial do migrante e do refugiado 2018*, “*Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os refugiados*” (14 janeiro 2018), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html, visitado a 25/05/2020, às 10h20.

FRANCISCO, PAPA, *El nombre de Dios es misericordia. Una conversación con Andrea Tornielli*, Planeta, México, 2016, 53.

FRANCISCO, PAPA, *Por uma cultura do encontro, Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta* (13 setembro 2016), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html, visitado a 25/05/2020, às 10h10.

FRANCISCO, PAPA, *Discurso à união católica italiana de professores, dirigentes, educadores e formadores* (14 Março 2015), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150314_uciim.html, visitado 25/05/2020, às 12h40.

FRANCISCO, PAPA, *Discurso aos estudantes e professores das escolas Italianas* (10 maio 2014), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html, visitado 25/05/2020, às 10h30.

FRANCISCO, PAPA, Exortação Apostólica, *Evangelii gaudium* (24 novembro 2013), AAS 105 (2013) 1019- 1137.

- FRANCISCO, PAPA, *Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião das XXVIII Jornadas Mundiais da Juventude, Encontro com os bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-americano – Celam* (28 julho 2013), in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html visitado a 25/05/2020, às 10h20.
- FRANCISCO, PAPA, *Homilia na canonização de Madre Lupita* (12 Maio 2013), in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130512_omelia-canonizzazioni.html, visitado a 09/05/2020, às 23h00.
- FRANCISCO, PAPA, Carta Encíclica, *Lumen Fidei* (29 janeiro 2013), AAS 105 (2013) 555-596.
- JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Apostólica, *Novo Millennio Ineunte* (6 janeiro 2001), AAS 93 (2001) 266-309.
- JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Encíclica, *Fides et Ratio* (14 julho 1998), AAS 91 (1999) 5-88.
- JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Encíclica, *Evangelium vitae* (25 março 1995), AAS 87 (1995) 401-522.
- JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Apostólica, *Tertio millennio adveniente* (10 novembro 1994), AAS 87 (1995) 4-41.
- JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Encíclica, *Veritatis Splendor* (6 agosto 1993), AAS 85 (1993) 1134-1228.
- JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Encíclica, *Redemptoris Missio* (7 dezembro 1990), AAS 83 (1991) 249-340.
- JOAO PAULO II, PAPA, Carta Apostólica, *Iuvenum Patris, por ocasião do centenário da morte de São João Bosco*, ACG 325, Roma, 1988.

JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Encíclica, *Redemptor Hominis* (4 março 1979), AAS 71
(1979) 257-324.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina social da Igreja*,
LEV, Città del Vaticano 2004.

5. Estudos e Monografias

ALARCÃO, I. – ROLDÃO, M.C., *Supervisão um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*, Edições Pedagogo, Mangualde, 2010.

ALVES, M. P. C., *Currículo e avaliação, uma perspetiva integrada*, Porto Editora, Porto, 2004.

AMATO, A., *Jesús el Señor*, BAC, Madrid, 1998.

AMBROSIO, J., *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*, Paulinas, Lisboa, 2002.

AMBROSIO, J., “Educação Moral e Religiosa Católica na escola pública”, *Communio* 5
(2001) 437-449.

AMBROSIO, J., “Tópicos para uma reflexão”, *Ensino Religioso Escolar* 3 (2001) 155-169.

ARAGAY, X., *Reimaginando la educación, 21 claves para transformar la escuela*, Paidós Educación, Barcelona, 2017.

ARENDS, R., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008⁷.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Nova Cultural, São Paulo, 1973.

AZEVEDO, J., “Perfis antropológicos a atingir no final da escolaridade. Ser humano tecnológico vs ser humano cultural. Contributos para uma perspetiva antropológica e sociocomunitária da educação”, *Pastoral Catequética* 23 (2013) 14.

- AZEVEDO, J., *O fim de Um Ciclo? A educação em Portugal no início do século XXI*, Edições ASA, Porto, 2002.
- AZEVEDO, J., *Reflexões sobre a política educativa*, Edições ASA, Porto, 1996.
- BARTOLOMÉ, J. J., *Cómo nos educa Dios. Notas de pedagogia divina*, CCS, Madrid, 2017.
- BISSOLI, C., *Una Bibbia sempre giovane, trace per un encontro*, LDC, Leumann, 1998.
- BOCCI, V., *Os Protagonistas, As Vidas de Miguel Magone, Francisco Besucco e Domingos Sávio*, Edições Salesianas, Porto, 2013, 92-93.
- BOSCO, J., *Ensinamentos de Vida Espiritual*, Edições Salesianas, Porto, 2014.
- BOSCO, J., *Fonti Salesiane, I Don Bosco e la sua Opera*, LAS, Roma, 2014.
- BOSCO, J., *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, Edições Salesianas, Porto 2012².
- BOSCO, T., *São João Bosco, uma nova biografia*, Edições Salesianas, Porto, 2002.
- BRAIDO, P., *Prevenir, não reprimir, o sistema preventivo de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2017.
- BRÁS, N., “Até que Cristo seja formado em vós”, I Jornadas da APEC, *Vida Católica* V/14 (2017) 113-126.
- BUCELLATO, G., *A Espiritualidade de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2018.
- CÀNOPI, A.M., *Dio, amico dell'uomo. Il vangelo della fedeltà*, Paoline, Milano, 2014.
- CIMOSA, M., *Dio e L'uomo: storia di un incontro*, LDC, Leumann, 1998.
- COLZANI, G., *Antropologia teológica, L'uomo paradossoso e mistero*, EDB, Bologna, 1988.
- COMÊNIO, *Didáctica Magna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996.
- COUNCIL OF EUROPE, *Education and religion*, in <http://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=17373&lang=en>, visitado a 25/05/2020, às 15h48.

- COY AFRICANO, M. E., “La educación religiosa escolar en un contexto plural reflexiones preliminares”, *Franciscanum*, 154 (2010) 53-83.
- DELORS, J., *Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, Edições ASA, Porto, 1996.
- DOYLE, V., “Learning the Classroom Environment: an ecological analysis”, *Journal. Of Teacher Education*, 6 (1977) 51-55.
- DUQUE, J., “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 27-39.
- DUQUE, J., “Sobre a educação integral do ser humano”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 11-21.
- EPICOCO, L. M., *Qualcuno a cui guardare, per una spiritualità della testimonianza*, Città Nuova, Roma, 2019.
- EPICOCO, L. M., *Solo i malati guariscono*, San Paolo, Milano 2016.
- ESTANQUEIRO, A., *Boas praticas na Educação*, Ed. Presença, Lisboa, 2012.
- EXPÓSITO, A., *Dom Bosco hoje, Entrevista ao Pe. Ángel Fernandes Artime décimo sucessor de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2015.
- FERREIRA, P., *70 dias com São João Bosco*, Cavaleiro da Imaculada, Porto, 2009.
- FUREDI, F., *Fatica sprecata. Perché la Scuola oggi non funziona*, Vita e pensiero, Milano, 2012.
- GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, Despacho nº6478/2017, in <https://dre.pt/home/-/dre/107752620/details/2/maximized> visitado a 25/05/2020, às 15h56.
- GEVAERT, J., *El problema del hombre, introducción a la antropología filosofica, Sígueme*, Salamanca, 2003¹³.

- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., *Cristología*, BAC, Madrid, 2000.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., *Jesús de Nazaret. Aproximación a la cristología*, BAC, Madrid, 1993³.
- GONZÁLEZ FAUS, J. I., *Otro mundo es posible... desde Jesús*, Sal Terrae, Santander, 2010.
- GUERRA DA SILVA, A., “O clima afectivo da escola”, *Pastoral Catequética* 4 (2006) 65-69.
- HALÍK, T., *Quero que tu sejas! Podemos acreditar no Deus do Amor?* Paulinas, Lisboa, 2015.
- HESCHEL, A., *Chi è l'uomo?* Rusconi, Milano, 1976.
- HOBBS, T., *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder do Estado Eclesiástico e Civil*, Nova Cultural, São Paulo, 2000.
- HUGHES, G.W., *Deus de surpresas*, Apostolado de Oração, Braga, 2012².
- ILLICH, I., *I fiumi a nord del futuro. Testamento raccolto da David Cayley*, Quodlibet, Macerata, 2013.
- ILLICH, I., *Sociedade sem Escolas*, Vozes, Petrópolis, 1973.
- JIMÉNEZ ORTIZ, A., *Teologia fundamental*, UPSA, Salamanca, 1988.
- JUSTINO, D., *Difícil é Educá-los*, Relógio d'Água Editores, Lisboa, 2010.
- KASPER, W., *El Dios de Jesucristo*, Sígueme, Salamanca, 2001⁶.
- LADARIA, L. F., *Teología del pecado original y de la gracia*, BAC, Madrid, 1993.
- LAÍN ENTRALGO, P., *Teoría y realidad del otro. II. Otredad y proximidad*, Revista de Occidente, Madrid, 1961.
- LATOURELLE, R., *Teología de la Revelación*, Sígueme, Salamanca, 1966.
- LEMOYNE, G.B. – AMADEI, A. – CERIA, E., *Memorie Biografiche di Don Bosco, 19 vol*, San Benigno Canavese – Torino, 1898-1939.

- LEVINAS, E., *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité*, Nijhoff, Den Haag, 1961.
- MADUREIRA, A. – LOPES, A. G., “Evangelização em meio escolar 3 verbos transitivos e 3 advérbios de modo”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 37-51
- MARTIN VELASCO, J., *El encuentro com Dios*, Caparrós, Madrid, 1995.
- MARTÍNEZ DÍEZ, F., *Teología Fundamental. Dar razón de la fe cristiana*, San Esteban-Edibesa, Salamanca, 1997.
- MARTINS, A., “Corpo, lugar (i)limitado”, *Communio* 33 (2016) 109-120.
- MARX, K., *Manuscritos: economia y filosofia*, Alianza Editorial, Madrid, 1972⁴.
- MENDONÇA, J. T., *Uma beleza que nos pertence, aforismos*, Quetzal, Lisboa, 2019.
- MOITA, F., “A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 53-74.
- MOREIRA, C. M. M., “O ensino escolar da religião e a finalidade cultural da educação”, *Humanística e teologia* 34 (2013) 179-214.
- MOUGNIOTTE, A., *L'école de la République. Pour une éducation à la démocratie*, Press Universitaires de Lyon, Lyon, 1996.
- MOUNIER, E., *Manifesto ao serviço do personalismo*, Morais, Lisboa, 1967.
- NEHER, A., *L'essence du prophétisme*, PUF, Paris, 1955.
- OLIVEIRA MARTINS, G. (Coord.), *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*, ME/DGE, Lisboa, 2017.
- OLIVEIRA MARTINS, G., “Escola e educação”, *Pastoral Catequética* 14 (2009) 25-32.
- OLIVEIRA MARTINS, G., “O conhecimento do fenómeno religioso”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 69-73.
- OTTONE, E., “Strategie di formazione alla cittadinanza responsabile: una proposta”, *Seminarium* 46 (2006) 587-608.

- PACHECO, J.A., *Currículo: teoria e prática*, Porto Editora, Porto, 2001.
- PAULO, J., “Princípios organizadores e gestão do programa de EMRC”, *Pastoral Catequética* 8 (2007) 89-110.
- PEDRINHO, D. O., “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012) 21-36.
- PEREIRA, J., “Uma perspectiva sobre o perfil do professor”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 97-123.
- PIÉ-NINOT, S., *La teología fundamental*, BAC, Madrid, 2016.
- PIKAZA, X., *Jesús educador*, Khaf, Madrid, 2017.
- POSTIC, M., *A relação pedagógica*, Padrões culturais editora, Lisboa, 2008.
- PRELLEZO, J.M., *Educar com Don Bosco*, CCS, Madrid, 1997.
- RATZINGER, J., *Introduzione al cristianesimo*, Queriniana, Brescia, 2003¹².
- RICOEUR, P., *Contradictions et conflits: naissance d’une société*, Semaines Sociales de France, Lyon, 1971.
- ROCHETTA, C., *Teologia della Tenerezza. Un “vangelo” da riscoprire*, EDB, Bologna, 2000.
- ROLDÃO, M. C., *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*, Editorial Presença, Lisboa, 2003.
- RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, Sal Terrae, Santander, 1988.
- RUPNIK, M. I., *Secondo lo Spirito. La teologia spirituale in cammino con la Chiesa di Papa Francesco*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2017.
- SÁ CARVALHO, C., “A construção da identidade na adolescência”, *Pastoral Catequética* 42-43 (2018-2019) 143-177.

- SÁ CARVALHO, C., “Pedagogia do Serviço – uma perspetiva de planificação e de implementação”, *Pastoral Catequética* 41 (2018) 49-130.
- SÁ CARVALHO, C., “Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, Edição 2014”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 29-61.
- SÁ CARVALHO, C., “Uma certa fé – como creem os adolescentes”, *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012) 169-234.
- SAHAGUN LUCAS, J., *Las dimensiones del hombre. Antropología filosófica*. Sígueme, Salamanca, 1996.
- SALA, R., *Pastoral Juvenil: Evangelización y educación de los jóvenes. Manual teórico-práctico*, CCS, Madrid, 2019.
- SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, Roma, 2014.
- SALGADO, C., *Ensaio sobre o Amor na Educação – Formar Pessoas, Ensinando*, Lucerna, Cascais, 2017.
- SCHILLEBEECKX, E., “Jésus de Nazareth. Le récit d’un vivant”, *Lumière et Vie* 134 (1977) 5-45.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ (Coord.), *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Moscavide, 2014.
- SEQUERI, P., “In ritorno al vangelo e al rinnovamento della Chiesa”, *Revista Catalana de Teologia* 2 (2018) 303-318.
- SERRALHEIRO, D., *O acto educativo religioso e moral*, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Moscavide, 1993.

- SERRÃO, A. V., *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.
- SESBOÛE, B., *Creer. Invitación a la fe católica para las mujeres y los hombres del siglo XXI*, San Pablo, Madrid, 2000².
- SILVA NUNES, T., “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 75-80.
- SION, V., *La speranza del peccatore*, Gribaudo, Assisi, 1996.
- SNYDERS, G., *A alegria na Escola*, Ed. Manole LTDA, São Paulo, 1988.
- SPADARO, A., “Intervista a Papa Francesco”, *Civiltà Cattolica* 3 (2013) 449-477.
- SPÓLNIK, M., “La questione antropologica interpela il Sistema Preventivo oggi”, *Rivista di Scienze dell’Educazione* 1 (2013) 92-120.
- STEINER, G. – LADJALI, C., *Elogio de la transmisión*, Siruela, Madrid, 2005.
- STEINER, G., *As lições dos mestres*, Gradiva, Lisboa, 2005.
- TRENTI, Z. (Coord.), *Manuale dell’insegnante di Religione*, LDC, Leumann, 2004.
- TRENTIN, G. – BORDIGNON, L., *Teologia Pastorale in Europa, panoramica e approfondimenti*, Ed. Messaggero, Padova, 2003.
- UNESCO, *Educação: um tesouro a descobrir*, Edições ASA, Porto, 1996.
- URÍBARRI BILBAO, G., “Retos de la cultura plural actual a la Iglesia para su reforma misionera”, *Revista Catalana de Teologia* 2 (2018) 263-301.
- VELASCO, J. M., *El encuentro con Dios*, Caparrós Editores, Madrid, 1997².
- VERACK, E., “Educação, uma questão de liberdade”, *Pastoral Catequética* 1 (2005) 73-90.
- VILAÇA, I. – CARMONA, V., “Os contextos pedagógicos e educativos da EMRC”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 89-96.
- VOILLAUME, R., *Lettres aus Fraternités III*, Cerf, Paris, 1966, 178.

ZABALZA, M., *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, ASA, Porto, 1987.